



A VISÃO JESSÊNIA ACERCA DA GNOSIS

**(TREZE PONTOS DE ESCLARECIMENTO E DEFESA DA VERDADEIRA
HERANÇA GNÓSTICA DOS JESSÊNIOS)**

1- O QUE OS JESSENIOS ENTENDEM QUE SEJA GNOSTICISMO E GNOSIS.....	2
2 - O QUE OS JESSÊNIOS, COMO GNÓSTICOS, ENTENDEM SOBRE O QUE SEJA O COSMOS.	4
3 – O QUE OS JESSÊNIOS, COMO GNÓSTICOS, ENTENDEM E CONCEBEM ACERCA DA DEIDADE	7
4 - O QUE O GNOSTICISMO JESSÊNIO CONCEBE ACERCA DO QUE É O SER HUMANO.....	11
5 - A CONCEPÇÃO GNÓSTICO-JESSENIA ACERCA DA SALVAÇÃO.....	15
6 - O CONCEITO DE CONDUTA CORRETA NA GNOSIS JESSENIA.....	16
7 – O CONCEITO GNÓSTICO DOS JESSÊNIOS ACERCA DO DESTINO OU HEIMARMENÉ.....	20
8 – A GNOSIS JESSÊNIA E SUA DEFINIÇÃO DE PSIQUÊ E DA APRECIACÃO CIENTÍFICO JUNGUIANA DOS ASPECTOS DA PSIQUÊ E DO EGO DO SER HUMANO.....	22
9 - O GRANDE CONCEITO GNÓSTICO ANTIGO DE GUEENAH OU ESFERA REFLETORA E O TRABALHO DA PSICOPOMPIA DAS GRANDES ESCOLAS DE MISTÉRIOS DE TODOS OS TEMPOS E ÉPOCAS.	27
10 – O TEMOR DE ALGUNS GNÓSTICOS MODERNOS DAQUILO QUE É A GRANDE OBRA ANGÉLICA DO AMOR DE DEUS JUNTO AO MISTÉRIO DA MORTE REVELADO NO SALMO 23.....	29
11 – O EVANGELHO DA PISTIS SOPHIA E O SEGREDO DO TRABALHO DA FRATERNIDADE ANGÉLICA NO ESPAÇO DA ESFERA REFLETORA OU GUEENAH.	31
12 – APROFUNDAMENTO DAQUILO ACERCA DO PENSAMENTO JESSÊNIO SOBRE CABALÁH, GNOSIS E GNOSTICISMO.	32
13 – A CONSTRUÇÃO DE UMA EKKLESIA GNÓSTICA COMO ECO AO ANELO LEGÍTIMO DO ANTHROPOS, EKKLESIA ESTA QUE RESPONDE AO MANTRA DE MANI: “A EKKLESIA É UM, É DOIS E É TRES”.....	35

1- O QUE OS JESSENIOS ENTENDEM QUE SEJA GNOSTICISMO E GNOSIS.

O Gnosticismo é a Via de Iniciação que permite o Conhecimento de Deus e de suas relações com a Criação e as Criaturas, e destas com Deus, tendo por base a experiência de contato direto da mente em iluminação com o princípio divino oculto no coração do homem.

Em grego esse Conhecimento que não se dá por via de estudos ou por via intelectual, mas por um conjunto de experiências de cognição, de intuição e de iluminação por meio do qual Deus se dá a conhecer e é reconhecido pelo homem, é denominado Gnosis.

Ora, a Gnosis é o próprio alento de Deus, o Sopro (Paracleto) que se transmite hipostaticamente¹, por via interior ou intuitiva, e que uma vez assimilado pelo gnóstico, toma-o para uma experiência espiritual que não pode ser descrita sob a forma dogmática como o faz a teologia, nem por uma forma filosófica, mas busca essa expressão no mito, na Linguagem de Mistérios. Não devemos entender, no tocante a isto, que “mito”, tal como o dicionário o define, seja uma “Narrativa na qual aparecem seres e acontecimentos imaginários, que simbolizam forças da natureza, aspectos da vida humana, etc.”, ou uma “Representação de fatos ou personagens reais, exagerada pela imaginação popular, pela tradição, etc..”, ou ainda uma “Descrição de um fato histórico tão repleta de exageros imaginários que se afasta quase que inteiramente da realidade, ou beira o falso”.

A definição que mais se aproxima do uso que a Gnosis e o Gnosticismo fazem do mito para se manifestarem e se tornarem assimiláveis pelo interior humano é a seguinte: “Mito é uma linguagem que usa da alegoria, e por meio dela deixa entrever um fato natural histórico ou filosófico, mas com fundo totalmente espiritual, ou seja, com fundo voltado para a interpretação das experiências de vida da alma”.

Não só o Gnosticismo, mas as grandes religiões esotéricas da Grécia e do Oriente utilizaram-se dos mitos para formarem um ensinamento iniciático iluminativo que se expressa como Linguagem de Mistérios.

A Linguagem de Mistérios sobrepõe-se à do mito, sem dela se afastar, para compor um estilo de mensagem esotérica que mais fala à cognição e à intuição, e por final, à iluminação, do que à razão e ao pensamento ou aos sentimentos.

O Gnosticismo é o ensinamento iniciático baseado na Gnosis, o conhecimento hipostático que chega por via interior, por meios intuitivos e que traz consigo o processo de uma verdadeira gênese, ou como o diria Jesus, *um novo nascimento*. O homem que morreu para a Luz na Queda pode, por meio desse novo nascimento, renascer para a Luz.

Essa Gnosis é tomada no Hino da Pérola, no Evangelho da Pistis Sophia, e em outras obras clássicas de Gnosis, como a prefiguração do Salvador, ou seja, do Conhecimento que desce, usando a escada descendente hipostática dos Anjos, vestindo-se, em cada degrau, da

¹ Usamos a palavra Hipóstase no máximo do seu significado esotérico, ou seja, usamo-la significando mais que gênese, portanto significando seres gerados diretamente do Poder de Deus, porém, junto com esse Poder que é pura Luz, esses seres vão tomando parcelas de trevas, e assim se afastando de Deus, sem dEle se desligar, e descendo por uma escala decrescente de Luz até perto das trevas propriamente ditas, sempre preservando consigo esse poder de Luz como Conhecimento de Deus ou Gnosis. Antes da Queda esses seres angélicos chegavam até à “Lua”, não podendo ultrapassá-la, então foi gerado ou hipostasiado Adão, a Humanidade, como multidão angélica que ultrapassou o véu lunar e veio habitar a Terra Paradisiaca, situada muito perto das trevas. Esse Homem possuía, por hipóstase, a Gnosis, e nela vivia.

veste angélica ali existente, até chegar aqui entre nós os decaídos. Nesse sentido é dito que Jesus subiu às Alturas, desceu vestindo-se da veste de cada mundo angélico, e chegou até nós com uma veste tríplice e ao mesmo tempo quántupla, onde estava escrito as seguintes cinco palavras: *zama, zama, ozama rarama ozay*².

Esse processo da descida do Salvador-Gnosis é também o de todo Salvo, ou seja, de todo aquele que deseja ser redimido, significando que essas vestes irão surgir nele como nascimento de alma ou novo nascimento.

No que tange a esse novo nascimento precisamos voltar-nos para a descrição mitológica do livro de Moisés denominado *Bereshit* (Gênesis) para notarmos que debaixo da Árvore da Vida havia quatro braços de rios e que essa árvore estava revolvada por uma espada serpentina de fogo.

Toda essa descrição deve ser entendida da seguinte forma: A Gnosis, o Conhecimento hipostático de Deus, desceu de ser angélico em ser angélico, até a “Lua” e da “Lua” desceu até o coração da Terra (Adamáh) por meio do ser angélico denominado Adam (Adão), tocando as águas do planeta.

De fato está escrito em Gênesis 1, versos 2 e 3: “E o Espírito de Deus vagava sobre a superfície das águas quando pronunciou: Haja Luz.”

Isto significa que a Gnosis chegou até as águas da Terra Paradisiaca e habitou a sua superfície, conforme podemos também observar no Salmo 29, versos 3 a 5: “Ouve-se a voz de Jehováh sobre as águas; troveja o Deus da Glória; Jehováh está sobre as muitas águas. A voz do Senhor é poderosa e cheia de majestade, quebrando os cedros, sim os cedros do Líbano.”

Nos ensinamentos mais avançados do Gnosticismo as águas do Paraíso são águas batismais onde Adam vivia perpetuamente mergulhado extraindo do cedro do Líbano³ (ou seja, da Árvore da Vida no Éden) a voz majestática de Deus (ou seja, a Gnosis).

Essa árvore mergulhada nas águas indica, pois, toda a Hierarquia Angélica hipostasiada desde as alturas mais altas onde fica Deus murado de transcendência até o ponto mais baixo, o Éden, o lar do Adam-Anjo, e toda essa linha descendente trazia consigo a Gnosis até fazê-la flutuar sobre as águas como Espírito de Deus que pronuncia “Haja Luz”.

Quando Adam perdeu a sua cidadania paradisiaca e foi expulso para as trevas sem Gnosis, sofreu de fome e sede, fome da Palavra ou Voz de Jehováh que relampejava entre a Árvore da Vida e as muitas águas do Éden, e sede dessas águas onde a majestade de Deus era Sabedoria e Gnosis.

² O autor está ciente de que a expressão, como consta em versão copta do Evangelho da Pistis Sophia (apesar de este ter sido originalmente escrito em grego, remanescem descobertas apenas cópias em copta), é *zama zama ozza rachama ozai* (Ⲡⲁⲙⲁ Ⲡⲁⲙⲁ Ⲡⲟⲗⲗⲁ Ⲡⲁⲕⲁⲙⲁ Ⲡⲟⲗⲁⲓ; transliterado, ao grego, ZAMA ZAMA ΩZZA PAXAMA ΩZAI). (Nota do revisor)

³ A água do rio do Éden e a seiva da Árvore do Líbano ou Árvore da Vida indicam o sangue luminoso, puro e repleto de consciência gnóstica, que flui hipostaticamente desde Deus até o ponto inferior representado pela Terra, pelas veias dos Anjos e de Adam. É por isso que a partícula hebraica dam, que significa *sangue*, aparece na palavra Adamáh (terra) e de Adam. Na Cruz o Cristo deu dessa seiva sangüínea e água novamente para Adamáh, e o sangue (dam) para Adam, alimentando-o de novo com água e sangue da Gnosis.

E o grandioso plano de Deus foi o de providenciar uma hipóstase especial, a do Salvador, que não é inteiramente uma hipóstase, pois “Vivia no Seio do Pai desde a eternidade como depósito plerômico da Gnosis”, mas que desceu tomando as variadas formas dos Anjos, e atingiu a Árvore do Paraíso, mas, de lá saltou pelas trevas, varou os círculos da obscuridade e chegou até onde o Adam decaído jazia aprisionado, faminto e sedento, aparecendo para a sua geração danificada como Jesus Nazoreu e Cristo sobre as águas do Jordão, fazendo a pomba flutuar no seio das águas escuras desse mundo da Queda.

Instituiu então o Batismo e a Refeição Sagrada, sendo ele mesmo um broto da Árvore da Vida que apareceu nos círculos das trevas como Cruz-Cedro que novamente faz jorrar na forma de sangue e água a majestática voz de Deus como força da Gnosis, como uva e pão, leite e mel que os batizados devem provar, beber, comer e usufruir como poder gnóstico libertador.

Esse alimento santo e essa água onde flutua a Pomba do Paraclito constituem os elementos de culto de Mistérios da Gnosis Cristã, e quem participa desses Mistérios pode voltar pelos círculos cósmicos da obscuridade até perto da antiga e relampejante Árvore da Vida do Paraíso e até no seio das águas dos quatro rios de Gnosis que dali emana.

Este subirá a escada da Cruz até o lugar onde Anjos e Homens vivem eternamente mergulhados num batismo de Gnosis e alimentados pela voz do Conhecimento de Deus.

2 - O QUE OS JESSÊNIOS, COMO GNÓSTICOS, ENTENDEM SOBRE O QUE SEJA O COSMOS.

Todas as tradições religiosas reconhecem que o mundo onde vivemos e que podemos observar com nossos olhos ou com instrumentos especiais está imperfeito.

Não vemos muita diferença na explicação que cada uma dessas religiões esotéricas antigas davam para dar a entender como um Deus Perfeito pôde deixar acontecer uma Criação imperfeita.

A diferença está em como elas revestiram de mito as suas explicações, deixando assim uma dificuldade para o homem comum não iniciado: a da interpretação dos significados simbólicos que cada mito usou para narrar a mesma explicação.

O Gnosticismo ultrapassou a casca simbólica de todos os mitos religiosos esotéricos do passado construindo um mito final, completo, que mostra toda a formação do Universo por Deus e como que nele entrou a imperfeição como uma espécie de segunda Criação, esta distanciada do plano original de Deus.

O mito gnóstico é um Mito da Queda e um Mito da Criação e formação do Cosmos. E ao longo de sua narrativa, esta também repleta de símbolos herméticos e figuras apocalípticas, podemos notar que a Criação atual está fendida e dividida em Criação Original e Criação Imperfeita.

Pelo Mito da Queda vamos entender que a onda angélico-humana chamada adâmica pertencia à parte do Cosmos que era Criação Original, Reino da Luz, e que perdeu a sua cidadania deste reino e caiu nos círculos cósmicos da Criação Imperfeita, Reino das Trevas sem Gnosis.

Uma das religiões mais esotéricas que o nosso planeta já conheceu, o Budismo, mostra esse reino da Criação Imperfeita como lugar da dor.

O Budismo, tanto quanto o Gnosticismo, começa com o reconhecimento fundamental de que a vida terrestre está cheia de imperfeição e de sofrimento.

No Budismo, como também no Gnosticismo, nota-se que a vida terrestre imita de forma contrária a vida celeste. A primeira nutre-se de um sangue universal que é o Paraclete infuso nas águas cósmicas e nas veias angélicas das criaturas santas.

O fluxo desse sangue universal é originário de uma fonte inesgotável e todos participam do seu oceano como uma fraternidade de seres que vivem do amor, do dar, receber e tudo compartilhar.

A segunda é uma vida que se nutre por predação, uma vida consumindo a outra, ou destruindo a outra, causando, assim, uma vida universal visitada pela dor, pelo medo, pela morte e destruição que cada elemento que dela participa pode causar ao outro.

Nessa vida universal feita unicamente pela natureza da predação quatro leis são claras, inexoráveis, indiscutivelmente reais: *nascer é dor, crescer é dor, envelhecer é dor e morrer é ter que nascer novamente no seio dessa vida predadora é igualmente dor.*

A grande questão que o Budismo resume e propõe para a meditação do seu adepto sintetiza-se na seguinte: *como escapar do ciclo de vida predadora que se resume em dor?*

O Budismo, e também o Gnosticismo, mostra duas rodas de vida (enquanto o judaísmo mostra duas árvores de vida): a de samsara, que mói-nos em grande sofrimento e termina em morte, e a de Nirvana, onde todo o sofrimento está extinto, extinguido.

O judaísmo gnóstico, o cristianismo gnóstico e o budismo não diferem entre si quando querem mostrar que a roda de samsara (ou a árvore da ciência do bem e do mal) representa lugares cósmicos onde a vida é repleta de sofrimentos, perigo, imperfeição e que finaliza em doença, velhice e morte.

O Gnosticismo é, pois, uma corrente de Teosofia que se aproveita da essência e da ação da Gnosis no seio de todas as grandes religiões esotéricas do passado para formular uma Pansofia, uma Sabedoria Universal, capaz não só de explicar a totalidade da questão da Criação como um ato do poder de Deus, como também a questão de como essa Criação, primeiramente surgida segundo um plano de Deus e organizada como um Cosmos ou Ordem bela e harmônica, repleta da seiva (ou consciência) do ser de Deus na forma de Gnosis, desviou-se dessa Ordem e tornou-se um lugar de vida predadora repleta de medo, de sombras e de sofrimento.

O Budismo mostra-nos bem a realidade desse mundo de sofrimento, e revela com grandiosa beleza o modo como podemos dele escapar, mas não define como esse mundo se tornou imperfeição e antro de sofrimento. O Judaísmo dá um passo nessa questão e mostra-nos o Mito do Paraíso e da Queda, mas também não esmiúça a questão de como a imperfeição surgiu na forma de Árvore da Ciência do Bem e do Mal, nos terrenos dessa Criação Original, e também não é muito claro no que tange a explicar como poderemos voltar ao Paraíso, pelo menos não o é na intensidade bela e simples do Budismo. E o Cristianismo, que nos trouxe

junto com o Mito da Queda de Adam o Mito da Queda de Lúcifer, aumentou o conhecimento acerca de como a imperfeição entrou na Criação Original de Deus, mas também deixa lacunas quanto a como a imperfeição entrou no Coração de Lúcifer.

O Gnosticismo desce ao Platonismo, ao Pitagorismo, aos Mistérios de Ísis e Osíris, aos Mistérios babilônicos de Istar, ao Zoroastrismo, ao Judaísmo, ao Budismo e ao Cristianismo, e sob os andares grandiosos do ensinamento de Jesus Nazoreu e de Moisés cria o Mito do Pleroma e do Kenoma⁴.

As antigas religiões esotéricas ensinavam que os humanos foram os culpados pelas imperfeições do mundo. Apoiando nessa visão, elas interpretaram o Mito da Gênese especificamente ressaltando as transgressões que cometeram o primeiro par humano provocado a “Queda” de si e também da Criação, bem como o começo do estado que hoje constatamos neste presente mundo, ou seja, o estado da corrupção e imperfeição.

O Gnosticismo vê nessa visão que atribui ao homem unicamente a corrupção do mundo uma fase da revelação de Deus ainda muito incompleta a que os teólogos e os sacerdotes das religiões modernas, sem poderem acompanhar os ciclos proféticos da revelação divina na linha do tempo, se apegaram para formularem seus dogmas.

Em razão disto o Gnosticismo mostra uma riqueza enorme de outros elementos causativos da corrupção e queda do mundo e mesmo do homem quando refaz o Mito da Queda.

Voltando-se mais para o grandessíssimo esoterismo dualista do Zoroastrismo, bem como do Pitagorismo e do Platonismo, o Gnosticismo também não aceita a idéia monista hindu do Karma como sendo uma explicação única plausível para a existência desse mundo corruptível e repleto de sofrimento.

A questão maior no que tange a reinterpretação puramente gnóstica do Mito da Queda é a de dar mais ênfase a dizer que o mal e o sofrimento são diretamente causados por um desvio daquilo que é a vontade de Deus e do Seu Plano Criador do que a de buscar explicar esse mundo mal e imperfeito como um lugar onde o homem veio acumular experiências kármicas amadurecedoras e evolutivas, e que todas as coisas que aqui existem foram criadas por Deus ou que elas são frutos de um conjunto de acontecimentos evolutivos por detrás do qual está Deus ou que Deus está mesmo inserido nesse conjunto de acontecimentos e de elementos.

É em razão disto que não vamos conseguir ver o Gnosticismo como um sistema iniciático que pode ser comparado com a maioria das correntes esotéricas hindus modernas de Iniciação, em especial aquelas muito próximas da Teosofia inaugurada por Madame Blavatsky, onde as palavras evolução, karma e involução não só são como que eixos de toda a idéia teosófica de cosmos e microcosmos, mas que trazem consigo todo o pêndulo filosófico monista do hinduísmo.

Sabemos que a mui importante e louvável pessoa da Madame Blavatsky revolucionou grandiosamente com o seu gênio esotérico a virada do século XIX para o XX, e que

⁴ O Pleroma é a Criação Original, o Kenoma é o Mundo visitado pela Imperfeição. A Gnosis Valentiniana e a Maniquêia formulam elevada teosofia sobre como surgiram o Cosmos como Ordem e o Cosmos como Mundo Mal e da Queda. E essa teosofia pode ser apreciada no nosso comentário ao Pistis Sophia, volume I, a parte que fala da Triconíade.

testemunhou com valor imensurável a importância dos sistemas gnósticos de Iniciação, porém, é preciso entender que ela era uma adepta incondicional do monismo hindu, o mesmo que não pôde receber, no século III d.C., o Gnosticismo do grande persa Manes ou Mani porque exaltava sobretudo a importância do mundo material como lugar de experiências kármicas amadurecedoras e evolucionistas e que fez a sua idéia fundamentar-se no ensino de que “de Deus partiu, no princípio da Criação, duas energias, a espiritual e a material, e que do mesmo modo como no começo, Deus ainda deixa escoar de Si essas duas energias para tudo controlar e dominar”.

Até hoje vemos alguns memoráveis adeptos da Teosofia de Blavatsky tentarem comentar documentos gnósticos como o Evangelho de Filipe ou o Evangelho da Pistis Sophia, e guardam, como fiéis monistas, a idéia vedântico-hindu de que “os quatro braços da forma Vishnu são os poderes que controlam todas as funções da natureza material (Srimad-Bhagavatam, Canto 3, Capítulo 28, verso 27).

Ora, essa idéia de que Deus controla de modo absoluto a natureza material é muitíssimo distante da fundamental idéia do Gnosticismo que deu origem aos documentos da biblioteca egípcia de Nag Hammadi, em especial documentos tais como os Evangelhos de Filipe e da Pistis Sophia, porque surge muito distante do Mito da Queda que é o centro doutrinário a partir do qual o Gnosticismo expõe a sua doutrina dualista cosmológica.

A cosmologia hindu difere completamente da cosmologia gnóstica ao afirmar que o cosmos, tal como está, é um lugar inteiramente controlado por Deus e seus agentes “semideuses”, e somente uma forçada adaptação intelectual pode aproximar essas tão diferentes correntes filosóficas cosmológicas.

Bastante inversa, a cosmologia gnóstica não aceita que este mundo material imperfeito seja uma Criação de Deus, ou um lugar controlado inteiramente por Deus, visto que então teríamos que atribuir a Deus a principal característica deste mundo: a de causar a morte, a corrupção e o sofrimento.

Em razão disto – repetimos – o Budismo, que afirma ser este mundo um lugar de transitoriedade e de sofrimento, um lugar da impermanência e da ilusão, pôde acolher e entender com profundidade o ensinamento dualista filosófico de Manes ou Mani, fundador do Gnosticismo Maniqueu, ao ponto de o Budismo Chinês considerar Mani o Quinto Buda e ter dado origem a uma fortíssima comunidade oriental desse grandioso mestre gnóstico onde no século XX se achou escritos e obras de pintura com as ilustrações maniqueias muito típicas: o homem-serpente, a árvore tríplice que representa o ser humano, Mani ou seus discípulos sobre camelos ou cavalos levando a “Religião da Luz” para as mais diversas distâncias etc.

Se a questão cosmológica monista básica assenta-se na afirmação de que Deus controla tudo, inclusive o mundo material, e a dualista gnóstica é inversa, afirmando que Deus não pode controlar a matéria, pois é transcendente a ela, imensamente contrário em natureza à natureza material, sendo pura Luz enquanto a outra é pura Treva, então é preciso investigar um pouco da idéia gnóstica acerca do que Deus é.

3 – O QUE OS JESSÊNIOS, COMO GNÓSTICOS, ENTENDEM E CONCEBEM ACERCA DA DEIDADE

Para o Gnosticismo Deus mui dificilmente pode ser definido, pois existe fora e separado da realidade tanto humana como da Criação.

Para a Gnosis o Conhecimento de Deus é o Conhecimento do Incognoscível, ou seja, é o Conhecimento do que está fora da Criação, do que é nada substancial, enquanto que o conhecimento intelectual só percebe o substancial, o tangível.

Vemos o Gnosticismo como uma elevada concepção filosófica negativa⁵ da Deidade que reconcilia o monoteísmo e o politeísmo, o teísmo e o deísmo, o dualismo e o monismo.

Em razão disto todos os grandes religiosos e filósofos antignosticos ignorante e iradamente não puderam reconhecer a Gnosis como a grande síntese de todos os “conhecimentos acerca de Deus, de Seu relacionamento com o Universo, com o Homem, com as criaturas univérsicas, e de cada um destes com Deus”.

Os antignosticos sempre viram essa forma ampla e conciliatória de conceitos da Gnosis acerca do que Deus é como uma forma caótica e estúpida, insana e perigosa de sincretismo religioso.

Disseram que os gnósticos misturavam de forma muito caótica neoplatonismo, astrologia e religiões orientais de Mistérios, somando a essa já muito confusa mescla elementos da doutrina cristã, e que tentaram oferecer isto aos homens dos séculos I a IV d.C. como sabedoria iniciática e salvadora.

Afirmaram que a “Igreja Cristã” triunfou sobre eles de modo magnífico já no primeiro grande concílio, denominado Concílio de Nicéia, e que repetiu de modo extraordinário essa façanha em diversos outros concílios até exterminar das fileiras da “Igreja” a praga gnóstica.

Mas, se vamos encarar o problema do surgimento do Gnosticismo no seio das primeiras comunidades cristãs de modo filosoficamente sensato e correto, perceberemos que a questão donde se extraiu a doutrina gnóstica girou em torno da palavra “criou”.

O grupo de judeus egípcios ligado ao essenismo por um lado, e ao platonismo e pitagorismo da filosofia grega por outro, iniciou uma profunda apreciação da versão grega da Bíblia Hebraica, ou do Velho Testamento Bíblico.

Eles perceberam que no livro de Gênesis vertido para o grego havia duas palavras diferentes para a ação criadora de Deus, uma que significava propriamente dito “criar”, e uma segunda que mais significava “plasmear”. Deduziu, então, que havia *duas criações*, uma de Deus e outra do falso criador.

Esse grupo foi mais além ainda em suas conclusões, tentando buscar a origem do mal e como ele surgira no seio da criação boa de Deus, e nesse ponto podemos escolher para parafrasear um estudioso sério do gnosticismo de nome Antonio Piñero.

Esse autor diz em seu livro *O Outro Jesus Segundo os Evangelhos Apócrifos* que “o ponto de partida do gnosticismo judeu e, por conseguinte cristão, é o do momento em que certos judeus, muito preocupados em encontrar uma explicação do porque de tantos males

⁵ Concepção Negativa da Deidade: o modo filosófico de definir Deus dizendo apenas tudo o que Ele não é e recusando-se a dizer o que Ele é, pois se assim agirmos, vamos achar Deus numa realidade que não é separada, e, portanto, transcendental à da nossa mente, ainda que ela esteja iluminada.

neste mundo, acreditaram conveniente estabelecer uma distinção entre a Deidade suprema e ultratranscendente, inalcançável e afastada completamente da matéria e, portanto, deste mundo criado a partir da matéria mal conformada, e o criador concreto e real deste mundo ou universo baixo e tão imperfeito.

“Esse criador de tal mundo imperfeito deveria ser necessariamente outra entidade dependente da Deidade suprema, sim, porém não exatamente ela. Esse dualismo encontrou uma de suas justificações no duplo preâmbulo do livro bíblico de Gênesis (1, 1-2, 3; 2,4ss) em que a criação de Adão é apresentada em duas versões distintas, a primeira por Elohim (literalmente ‘os deuses’) e a segunda atribuída a Jehováh, como se fossem duas divindades diferentes.”

Os gnósticos redefinem, portanto, a palavra “criou” que se encontra usada no texto bíblico de Gênesis, capítulo 1, tirando-a do seu contexto mais comum e colocando-a em meio a contextos complexos que somente uma mente com um mínimo de iluminação pode compreender.

Os gnósticos agregaram ao significado da palavra “criou” o conceito da hipóstase angélica, ou seja, Deus “criou” não do nada como o quer o dogma católico teísta ou protestante, mas emanou co-criadores que Ele tirou de Seu próprio poder, mas não em igual intensidade, ou na sua totalidade, porém em porções menores e em escala decrescente de intensidade.

Se aqueles judeus afirmassem que Deus emanou todo para dentro do círculo de Sua Criação e se dividiu em milhares de partículas angélicas, e de elementos santos da Criação, até mesmo os elementos materiais, e que a soma de tudo isto é Deus, então eles cairiam no monismo.

Mas se aqueles judeus afirmassem que Deus está inteiramente separado da Criação, então, restaria a pergunta: quem criou? E quem sustenta a Criação, já que o Deus supremo permanece alheio a qualquer dos processos criacionais?

A idéia do surgimento a partir da Deidade, por hipóstase, dos Seres Angélicos Co-Criadores, e a idéia de que eles foram feitos de um poder menor do que o Poder total que mora em separado no Deus transcendental, e que eles criaram o mundo, a questão estaria mais bem resolvida.

Mas essa idéia das Hipóstases tinha que ser demonstrada, e surgiu, então, a necessidade de se gerar mitos da Criação e formação do Universo, de suas criaturas e do relacionamento desses dois com Deus.

Os Mitos Gnósticos tinham que resolver outra questão: se os Anjos eram hipóstases do poder criador de Deus, mas não o próprio Deus, então a Queda deveria ser atribuída aos Anjos, ou seja, às próprias “mãos angélico-cósmicas de Deus”, cabendo a Ele apenas a acusação de que escolhera para Criar agentes angélicos que propositadamente surgiu dEle com perfeição menor.

De fato, o teísmo, ou dizendo mais claramente, a idéia religiosa cristã, atribui a Lúcifer, um Anjo de Deus, a Queda e o início da imperfeição e a própria origem do Mal.

O Gnosticismo precisou repensar mui profundamente a idéia exotérica da religiosidade ortodoxa cristã, pois se o teísmo atribui a Lúcifer a causação do mal resta uma intrigante e angustiante pergunta: como um ser perfeito de Deus como Lúcifer, pôde cair na imperfeição? E como, em seqüência, um ser perfeito como o Adão Paradisiáco também pôde cair na corruptibilidade? Como pode a perfeição conceber a imperfeição se no mundo divino uma natureza só gera outra exatamente semelhante a si? O problema não se situa no Limite que cada ser criado tem em sua natureza de perfeição?

A idéia de Lúcifer como causação do mal e criador desse mundo mal foi repensada pelos bogomilos e cátaros, bem como pelos Cavaleiros Templários, de modo mui gnóstico, e essas correntes recaíram na idéia da Gnosis valentiniana das Hipóstases Angélicas e da Triconíade.

E é a doutrina das Hipóstases Angélicas que ligam Deus transcendente ao mundo ou a Criação formando com ela um Pleroma, uma Triconíade, que está permeada no Evangelho de Filipe e da Pistis Sophia, e ali há outra doutrina: o mundo que é o Pleroma é, na verdade, uma *Sophia cósmica e macrocósmica superior*, um lugar onde os Anjos manifestam a Sabedoria de Deus, rompendo com seus próprios Limites.

Para a Gnosis Valentiniana houve, entretanto, no seio do Pleroma, uma paixão que deu origem ao mundo do Kenoma, ou à parte da Criação que escapou ou desviou do controle de Deus e que gerou uma Sophia Prostituta ou Sophia inferior.

Filha dessa Sophia inferior, Pistis Sophia é descrita no Evangelho de mesmo nome como uma criatura que se prostituiu com os eões ímpios e com o falso criador, com Saklas ou Sabaoth, também conhecido como Satanail ou Samael, figura parecida com a de Lúcifer; e, esta Pistis Sophia, mui arrependida, quer se livrar da matéria corruptível que a ela se apegou como mancha e a faz chafurdar no caos, na corruptibilidade.

Jesus, o Salvador, está em um lugar separado de Pistis Sophia, impossibilitado de auxiliá-la mais diretamente, porém, não se encontra indiferente à sua grandiosa aflição e choro, mas precisa mover elementos cósmicos que estão nas mãos de certo rei eônico Adamas, e buscar alterar as faces planetárias dominadas pelos arcontes de eões de Adamas e de Sabaoth para, assim então, comandar os Vinte e Quatro Mistérios, em especial o Primeiro Mistério, para que surgisse a condição dEle, como Salvador, atuar mais diretamente na defesa e socorro da Pistis Sophia em suas treze angústias e súplicas de arrependimento.

Impossibilitados de compreender a cosmologia e cosmogonia dualista gnóstica, os comentadores monistas do Evangelho da Pistis Sophia têm de negar que Adamas e Sabaoth sejam criaturas cósmicas ligadas ao falso criador deste mundo, e, ao mesmo tempo, sejam reflexos daqueles que formam os elementos internos da natureza decaída de um microcosmos.

Esses monistas somente conseguem ler no lado esotérico dos textos das narrativas do Evangelho da Pistis Sophia, em especial naqueles que mencionam os seres míticos que atormenta a pobre alma decaída, elementos psicológicos internos referentes à personalidade que preenche o microcósmicos.

Deste modo eles perdem de vista - ou mesmo nunca puderam ver - a bela e complexa mitologia gnóstica da Criação Original, da Queda que a perturbou maculando a sua substância formativa (desviando a sua formação elementar daquilo que era a diretriz do Planto de Deus),

da vinda do Salvador para resgatar as centelhas perdidas, da formação do Pleroma e do Kenoma.

Mais distante ainda ficam esses comentadores do belíssimo e muitíssimo profundo Mito Maniqueu da Criação, do Mito de Lúcifer dos Bogomilos, Templários e Cátaros, do Mito Luciférico de Jacob Boehme, das Lendas do Santo Graal, bem como da idéia da Rosacruz clássica acerca da Queda de Adam.

A vasta e magnífica figura de *Sophia Virgem da Luz*, ou de *Sophia Virgem Masculina*, que aparece nos escritos e na doutrina de Jacob Boehme, ou nas figuras de Robert Fludd, e ainda, no livro simbólico *Bodas Alquímicas* de C.R.C., tem como berço de nascimento a Gnosis Valentiniana e a figura de Sophia que o Evangelho da Pistis Sophia desenha como representação da alma mergulhada no mundo material imperfeito e sedenta de libertação ou de anelo por escapar para o seu mundo próprio, o Reino da Luz sem mancha.

A Escola de Mistérios Ocidental, representada na Europa Medieval pela Alquimia, pelos Bogomilos, Cátaros, Templários, Priscilianos e Rosacruzes, tem uma concepção acerca do Homem (Microcosmos) e do Sistema Solar (Cosmos) e de Deus claramente persa maniqueia e gnóstico-cristã, e nela prevalece a idéia filosófica dualista.

O Zoroastrismo, o Hermetismo, o Platonismo, o Pitagorismo, o Essenismo, o Cristianismo, a Gnosis cristã, todos caracteristicamente dualistas, são a base da Escola de Mistérios Ocidental, e sua última grande manifestação é C.R.C. e a Rosacruz, que tem na pessoa de Marsílio Ficino⁶, grande platonista e hermetista italiano do século XV, um de seus muitos filhos e representantes.

4 - O QUE O GNOTICISMO JESSÊNIO CONCEBE ACERCA DO QUE É O SER HUMANO.

A concepção gnóstica jessênia não difere de nenhuma Gnosis clássica quanto a sua visão daquilo que é o ser humano.

Essencialmente dualista como todas as demais correntes gnósticas do passado, a Gnosis Jessênia vê o homem terrestre como um ser apartado de seu verdadeiro reino e decaído no reino das trevas, aprisionado no cárcere da matéria.

Toda a natureza humana reflete a natureza do mundo: o mundo em que se insere o nosso sistema planetário foi em parte feito por um falso criador, e em parte pelo Deus verdadeiro, ou o Deus da Luz verdadeira. Como a humanidade reflete isto, ela contém um componente físico e psíquico perecível, pertencente em substância ao falso criador, como também um componente espiritual que é um fragmento da essência divina. Esta parte divina é frequentemente indicada por termos simbólicos tais como a “faísca divina”, a “semente pneumática”, a “semente-Jesus”, o “proto-átomo”, a “jóia no lótus cardíaco”, o “núcleo-força do ventrículo direito do coração”, “o Ponto de Luz com seiscentos e treze nimbos” etc.. O reconhecimento desta natureza dual do mundo e do ser humano pertencente a todas as

⁶ Marsílio Ficino (1433-1499): grande filósofo italiano cuja figura marcou o Renascimento no século XV. Ele abriu a Academia Platônica de Florença cujas asas inspiraram o redescobrimto da antiguidade e de seus filósofos ou sábios. Em Ficino reuniu-se novamente o legado esotérico hermético-egípcio, judaico-cristão e o greco-romano.

correntes de Gnosis clássicas deu ao Gnosticismo a sua principal característica filosófica: o dualismo.

E os jessênios, por reconhecerem exatamente a mesma doutrina gnóstica dualista, e em específico, por aprofundarem o seu conceito segundo o Evangelho da Pistis Sophia, o Evangelho Cátaro e a doutrina maniquéia, são legitimamente considerados modernos gnósticos.

Segundo essa doutrina, o homem terrestre é geralmente ignorante quanto à existência da “faísca divina” no centro de seu ser.

Essa ignorância se deve principalmente às características das partes humanas que foram criadas pelo falso criador: a forma material e a forma psíquica.

Por detrás das formas psíquica e carnal agem as forças cósmicas do falso criador, que se organiza em uma complexa hierarquia ímpia sideral que pode ser vista como sustentada sobre sete planetas e doze casas zodiacais.

Assim, tendo sobre si o reflexo das hierarquias cósmicas ímpias (geralmente denominadas Eões e Arcontes de Eões), a parte carnal e psíquica determinam a natureza do sangue do ser humano, impregnando-o com os sete metais da tendência para o mal, a saber: o chumbo da ignorância, o estanho da vaidade, o cobre da devassidão e da gula, o ferro da ira e da cobiça, o mercúrio da auto-ilusão e da premeditação do mal, a prata do orgulho e da teimosia e o ouro da ostentação⁷.

Esses sete metais alimentam o cérebro, o cerebelo e os centros psíquicos da cabeça e do eixo cérebro-espinal, determinando que a força mental sétupla (pensamento, sentimento, vontade, memória racional, cognição, intuição e iluminação), seja capturada pelo mal.

Toda essa estrutura capturada pelo mal é o que denominamos de ego ou ser psíquico do homem, que se encontra a serviço do falso criador.

Desta forma a “semente pneumática” ou “faísca divina” fica isolada no ventrículo direito do coração e não tem acesso à parte mais abstrata da mente humana, ou seja, às faculdades da cognição, da intuição e da iluminação.

A alma, que somente tem na presente vida terrestre coberta pelo corpo e pelo ser psíquico do homem, a “faísca divina” como expressão de sua natureza, fica inteiramente aprisionada enquanto o homem vive da sua sétupla tendência para o mal.

Essa alma passa por ciclos sem fim de novas personalidades (ou seja, de novas estruturas de vida compostas pela parte carnal e a psíquica), e isto é o que a Gnosis denomina de ciclo de reencarnação e que os jessênios, sob certa influência do budismo e do maniqueísmo, dizem ser a vida transcorrida no infeliz ciclo da Roda de Samsara.

Tanto quanto no Budismo, no Gnosticismo e no Maniqueísmo, o Jessenismo ressalta que o homem esquecido de sua origem divina e do seu estado angélico anterior ao Acidente

⁷ O Inverso também é verdade, a qualidade do sangue interfere na natureza mental, e a alimenta, formando, assim, aquilo que normalmente é chamado de “gênio” de uma pessoa, como logo no próximo parágrafo damos a entender.

da Queda, fixa-se nas coisas materiais o que lhe causa sempre um cada vez mais agudo estado de aprisionamento até que lhe chega a velhice, a doença e a morte.

Com a morte esse ser humano tem a “faísca divina” libertada da carne e do organismo psíquico, mas sem uma verdadeira personalidade gerada num processo alquímico de Gnosis, essa alma não tem corpo para expressar a sua verdadeira existência, e então recai no ciclo de Samsara.

Segundo o conteúdo da Gnosis Valentiniana, em especial aquela do Evangelho Gnóstico de Filipe (da biblioteca de Nag Hammadi), a “faísca divina” que se livra da forma carnal e da forma psíquica pelo processo da morte biológica, mas que está num microcosmos⁸ onde antes, em vida terrestre, não houvera acontecido nenhum processo gnóstico de libertação e de iluminação, está nua e não pode subir para as regiões do Reino da Luz, tendo que ser condenada num tribunal no “vale da sombra e da morte”⁹ e sua condenação é a de ter que retornar para nova manifestação na matéria em corpo carnal e nova forma psíquica.

A humanidade terrestre encontra-se, em todas as épocas, organizada em três grandes blocos ou tipos, que a Gnosis Valentiniana, e outras, denomina de Hylicos, Psíquicos e Pneumáticos.

Os Hylicos, como o próprio nome oriundo do grego Hylé (Matéria) indica, são conscientes apenas da sua forma carnal e jazem profundamente adormecidos no seio de trevas dessa matéria que constitui o seu corpo físico, reflexo do grande corpo físico desse mundo material ímpio.

Os Hylicos são surdos e cegos a qualquer ato da Gnosis, e o ato primordial da Gnosis é o de lembrar os homens de que eles têm origem divina e que um átomo de sua pátria original mora em seu coração como “faísca divina”.

Como os Hylicos só conhecem como realidade a matéria, essa sua consciência tão baixa não lhes permite ouvir e assimilar com o coração a mensagem básica da Gnosis.

Um segundo tipo humano, os Psíquicos, têm um grau maior de percepção, porém essa percepção é apenas a que lhes permite a forma psíquica de seu ser, esta também inteiramente ligada ao falso criador desse mundo, e apresenta tantos elementos da ignorância astral que impera no reino do Gueenah ou “Esfera Refletora”, que não permite a esse tipo humano distinguir entre a natureza do verdadeiro Criador e a daquela do falso criador.

Os Psíquicos são muito vitimados pelas fantasmagorias mediúnicas do mundo do Gueenah que lhes apresenta uma idéia falsa de Deidade que precisa ser recompensada por atos humanos de bondade e de caridade, ou que castiga com o carma, ou ainda com o fogo do inferno ou de violentos castigos.

⁸ Microcosmos: a totalidade do ser do homem como pequeno mundo, reflexo do mundo cósmico, maior, e até mesmo do macrocosmos. Para efeito didático ele é representado como esférico, tal como o Sistema Solar.

⁹ O Vale da Sombra e da Morte é o vale da Gueenah por onde as almas, após livrarem-se do corpo carnal e da forma psíquica, devem passar para sair por sete portas até alcançar o Reino solar da Luz divina. Essa expressão do Salmo 23 indica a passagem psicopômica da alma pela “esfera refletora” composta pelas sete regiões dos Arcontes de Eões onde ela, por ter gerado em vida terrestre e por participação nos Mistérios Gnósticos uma nova veste astral, não está nua e, assim, vence os sete Arcontes juízes e sai na oitava esfera, na Ogdoad, livre para desfrutar da sua participação no Reino da Luz.

Muitas religiões ou movimentos filosóficos apelam constantemente para o estado mental de fé dogmática ou mesmo “científica” do homem Psíquico, conquistando-o.

O homem Psíquico também não pode reconhecer o apelo fundamental da Gnosis e nem compreender as reações da sua “faísca divina” até mesmo porque essas reações ainda são muito fracas, sutis e presas a uma mente cujos sete metais sanguíneos da tendência para o mal toldam quase que por completo.

Mas, quando o ser humano sofre infindáveis ciclos de giro na Roda de Samsara, começa a deixar que sua “faísca divina” tenha algum acesso à mente concreta¹⁰, e esta cede-lhe certo espaço no campo da memória racional.

Pouco a pouco essa memória racional assume uma função que denominamos Moral-Racional. E essa Moral-Racional, que os budistas denominam Dukkha, forma um sentimento de insatisfação com a matéria, um sentimento de que a matéria constitui o reino da dor e do sofrimento e um sentimento de que se quer escapar para um Reino onde não há dor e sofrimento.

Esses três sentimentos, embora nasçam da mente concreta que pertence ao sistema psíquico ligado ao falso criador, contudo não pertencem ao mundo sideral desse falso criador.

A Gnosis visita a mente que se encontra inquietada por esses três sentimentos e os transforma num único e grandioso sentimento: o de grande amor e busca da Verdade.

Essa Gnosis abre para essa mente o segundo dito do Evangelho Gnóstico de Tomé: “Aquele que busca não cesse de buscar até encontrar, e quando encontrar será inquietado, e inquietado, se maravilhará e dominará o Universo.”

Esse ser que passa por essa experiência supra-psíquica é denominado na Gnosis Valentiniana de Homem Pneumático ou Espiritual, e é para esse tipo humano que as Escolas Gnósticas de Mistérios abrem as suas portas.

Tanto quanto o Budismo, o Maniqueísmo e a Gnosis registrada na Biblioteca de Nag Hammadi, os Jessênios observam a humanidade hylica e psíquica sujeita ao inferno de dor da vida na matéria e duramente regida pelas leis da moralidade e da ética jurídica ou religiosa.

E esse longo périplo pelo “Inferno” e “Purgatório” determinam a vida “dantesca”¹¹ do homem vivo num corpo físico ou logo após cada vida terrestre, morto e envolvido por sua forma psíquica no Gueenah.

Se após a morte um ser humano só pode achar na Gueenah o Inferno e o Purgatório, então, julgado pelas forças arcônicas e eônicas lá existentes e que compõem o coro de seres do falso criador, irá mergulhar na matéria para novo nascimento e novo ciclo de vida cheia de dor e de sofrimentos.

¹⁰ A Gnosis Jessênica, seguindo de perto o ensinamento da Escola Pitagórica, divide a mente humana em dois blocos distintos: mente concreta (pensamento, vontade, sentimento e memória racional); mente abstrata (cognição, intuição e iluminação).

¹¹ O que aqui queremos dizer por “dantesca” refere-se à obra “O Paraíso”, de Dante Alighieri, que retratou o périplo da vida humana sem forma física e apenas na forma psíquica, em suas travessias pelo Gueenah, que ele dividiu em Inferno e Purgatório.

5 - A CONCEPÇÃO GNÓSTICO-JESSENIA ACERCA DA SALVAÇÃO.

A principal ação das trevas e da matéria quando deram ao homem a sua forma física e sua estrutura psíquica foram fazê-lo esquecer de sua descendência e origem celeste.

O ato de lembrar que somos originários de uma terra divina e de um paraíso onde tínhamos uma vida perfeita e gloriosa, e de sentir saudade dessa antiga vida e desse antigo e magnífico lar é suficiente, segundo os mestres gnósticos, para atuar modificando toda a estrutura de vida biológica e mental de um homem.

Em razão disto o falso criador estabeleceu uma existência humana para o homem decaído onde ele fica inteiramente impossibilitado de descobrir em essência e poder essa sua descendência divina.

Esse homem sofre na roda do nascer, crescer, envelhecer e renascer com dor, sem, contudo, descobrir a razão de seu sofrimento, ou mesmo, sem condições de perceber esse sofrimento.

Faz-se necessário, então, que o mundo da Luz envie mensageiros para fazerem o homem lembrar-se de sua origem e anelar retornar para o seu antigo e paradisíaco lar.

O maior de todos esses mensageiros, Jesus Nazoreu, assumiu a função de descer ao mundo para revelar a Gnosis, ou seja, o conhecimento (com poder e com mágica força de transformação) de que somos seres divinos decaídos, porque decaímos, onde decaímos e como haveremos de retornar para o nosso lugar de antes.

Em razão disto a Gnosis diz que Jesus é Salvador, e dá a essa figura do Salvador uma definição profunda e complexa: “o corpo de Jesus era meramente material e sua mente era de natureza psíquica, mas ambos estavam preparados para receberem, no Batismo, a força divina da Gnosis. Então a Gnosis desceu em Jesus, e, desde então ele tornou-se um Salvador salvado, e pôde pregar a verdadeira Gnosis, cuja força consiste em fazer os homens pneumáticos reconhecerem de onde eles vêm, quem são e para onde devem ir, como devem despojar-se, por meio do batismo, da veste carnal e da mente psíquica para revestir-se da espiritual.

“Esse Salvador salvado deve tirar os homens pneumáticos das garras do falso criador e de suas hostes de arcontes e eões, mas estes últimos, irritados, agitam os judeus para que crucifiquem a Jesus Salvador. E os conterrâneos de Jesus, ignorantemente realizam o maior Mistério de Salvação que poderá se manifestar entre os homens: rasgam na cruz o véu da carne e o véu psíquico, deixando o sangue em sacrifício de Jesus tornar-se Paracleto.

“O Paracleto desce, então, para o coração da Terra e ali se torna a força cósmica que combate no cosmos planetário as hostes do falso criador e das hostes arcônticas e eônicas.

“A partir desse momento o coração da Terra arderá em chamas sob o impulso dessa força do Paracleto e modificará por meio de grandiosa e misteriosa alquimia as águas do nosso planeta, transformando qualquer olho d’água em fonte de sangue, água, fogo, ether-vapor e Paracleto: A Gnosis completa o seu glorioso curso de manifestação no planeta: o coração de Aquário desce ao nadir das águas para conferir-lhes o poder do Batismo e o poder do Graal, da Refeição Sagrada. Quem se banha nessa fonte batismal e quem bebe desse Graal santo pode ter a sua carne e a sua estrutura psíquica diminuída em sua força ímpia, e, livre dos

arcontes e dos eões, a mente pode receber o Cristo na forma de Gnosis e de parcelas de iluminação.

“A mente que recebe o Cristo e parcelas de iluminação desce à ‘faísca divina’ para extrair dela a Sabedoria que define um conjunto de ações discipulares verdadeiramente sábias e libertadoras, que formam no conjunto carnal e psíquico uma purificação que lhes desliga a força dos eões e arcontes do falso criador.

“Com sua estrutura sangüínea, carnal e mental purificada e transformada, o discípulo aprende, por iluminação, mas também por abertura de compreensão do conteúdo dos ensinamentos dos mestres da Gnosis, a tecer a nova veste astral com que ele irá, quando da sua morte biológica, seguir para a Guenah, atravessá-la vitoriosamente, e ingressar com veículo próprio no Reino da Luz. E esse ingresso completa a sua Salvação.”

6 - O CONCEITO DE CONDUTA CORRETA NA GNOSIS JESSENICIA.

Para o gnóstico, ordens e regras não são salvadoras; ou melhor, eles não são substancialmente conducentes à salvação. Regras de conduta podem servir para numerosos fins, inclusive a estruturação, cristalização e a ordenação de uma sociedade calma, e a manutenção de relações harmoniosas dentro de grupos sociais. Porém, regras não são pertinentes à salvação; salvação só pode ocorrer por meio da Gnosis e dos processos gnósticos.

A moralidade precisa ser vista principalmente em condições temporais e seculares e, então, sempre está sujeita a mudanças e modificações conforme o desenvolvimento psíquico do indivíduo.

Nisto devemos reconhecer que a moralidade e as regras de conduta ligam-se especificamente ao desenvolvimento psíquico do homem, e são referentes, conseqüentemente, aos tipos humanos Hylico e Psíquico, não se aplicando ao homem Pneumático, que, sobretudo, deve ser guiado pela Gnosis, pois este não quer se ajustar à vida deste mundo material e de suas sociedades, porém, à vida do mundo espiritual.

No Maniqueísmo e no Catarismo, movimentos fortemente gnósticos, bem como no Budismo e no Zoroastrismo, a questão da CONDUTA CORRETA foi muitas vezes enfocada sob a inevitável forma de questões sobre moralidade, porém, não podemos destrinçar a fórmula pela qual essas questões foram abordadas sem se estabelecer rígidas regras de moralidade ou de cair em estados de diretrizes que viessem a ajustar a sociedade cátera ou maniqueia a um convívio psíquico harmonioso com o mundo material a um nível que viesse a toldar a situação fundamental do verdadeiro homem pneumático de desajustado quanto ao reino material e inteiramente insatisfeito com a matéria, sendo, portanto, um incansável buscador de outra ordem de vida e de existência, de um outro reino, o Reino da Luz.

A pureza de conduta que deu, inclusive, nome aos Cátaros¹², deve ter sido discutida largamente entre sábios pneumáticos, e eles devem ter colocado as observações sobre conduta segundo uma diretriz que não ajustasse psiquicamente o Homem Pneumático a este mundo material, mas que preservasse a sua insatisfação com a matéria e lhe mantivesse a angustiante

¹² Katharós, em grego, significa “Puros”.

e ardente questão da busca da Verdade tal qual a mostra, por exemplo, o Evangelho Gnóstico de Tomé.

O Gnosticismo estabeleceu desde os tempos anteriores ao da manifestação de Jesus Nazoreu e até os séculos XIII e XIV d.C. algumas atitudes gerais fundamentais, tais como a não conformidade com o mundo, pedindo aos gnósticos que agissem como “estando no mundo, mas não pertencendo ao mundo”, que agissem demonstrando o não cultivo do egocentrismo, demonstrando absoluto respeito pelos outros seres humanos, manifestando liberdade na escolha do modo sábio de se conduzir como cidadão e, ao mesmo tempo, como discípulo que anela uma vida gnóstica e observar as diretrizes de conduta sob a ótica de sua “faísca divina” e da liberdade que dela exala paralelo ao desenvolvimento e desabrochar de suas forças atômicas.

A ampla liberdade de escolha das diretrizes de uma vida humana que venha a caracterizar essa vida como verdadeiramente discipular gnóstica é, no Gnosticismo, uma questão individual, ou, como o diriam os Jessênios tomando sua expressão por empréstimo à da Gnosis Valentiniana, essa liberdade de vida que, embora livre, não se mostra desencaixada de um convívio harmonioso com outras centelhas de vida igualmente livres e em busca da Gnosis, é uma questão do Anthropos¹³.

Tanto na Gnosis clássica quanto na Gnosis Jessênia a questão da conduta é individual, referindo-se ao que o sábio gnóstico consegue arrancar de sabedoria da sua própria “faísca divina”, mas essa sabedoria tem que passar por um teste: ao promover a liberdade de conduta, que a promova de modo que o Anthropos possa manifestar a sua maior aspiração espiritual: o convívio harmonioso com a Ekklesia ou a coletividade dos demais gnósticos.

A questão desse cuidado que o Gnosticismo clássico tem de preservar a liberdade do homem Anthropos quanto às questões de conduta foi elevadamente considerado na Gnosis Jessênia e nossa Ekklesia confia plenamente que seus membros, sendo verdadeiros gnósticos, estejam dia e noite destilando junto à sua “faísca divina” uma espécie de conduta livre que preserve, sobretudo, o grandioso dom de aspirar formar com demais gnósticos uma grande Igreja do Paraclete.

Desse modo, como Ekklesia, a Comunidade Jessênia vai ficar constrangida sobremodo se tiver que dirimir questões graves de conduta que advenham de certos membros que, sem ter um nível intenso de “conversa Anthropos” com a sua “faísca divina”, não possam resolver a velha problemática de se estabelecer diretrizes sábias de uma vida individual livre que não fira em absoluto a vida comunitária da Ekklesia.

Por outro lado, a Ekklesia Jessênia vai ficar muito constrangida se tiver que cuidar de dirimir questões que se refiram a assuntos individuais e que, por engano ou descuido saiu do limite do governo do Anthropos de algum de seus membros e caiu indevidamente na discussão da coletividade.

¹³ Anthropos é o homem em si mesmo e diante de sua individualidade, colocado pela Gnosis sozinho diante de sua problemática fundamental: curar-se do mal da Queda que transformou a sua individualidade num egocentrismo. Enquanto ele resolve essa questão da sua individualidade que, adoecida, trouxe-lhe o transtorno da egocentricidade, ele vai se tornando verdadeiramente Anthropos, e seu coração vai anelando o convívio fraternal com outros irmãos gnósticos, o que o transforma em verdadeiro homem ou Anthropos. Esse desejo do homem plenamente Anthropos de conviver harmoniosamente com Deus, com os Anjos e com seus irmãos, bem como com a Luz, é denominado Ekklesia. Anthropos-Ekklesia é um par ou sizígia que a Gnosis Valentiniana diz constituir uma parte do Pleroma ou Mundo divino.

Em ambos os constrangimentos a Gnosis clássica estabelecia que a reação dos autores dos problemas sempre fosse a de alguém verdadeiramente gnóstico, ou seja, de alguém que, embora sujeito à tendência para o mal, e também sujeito ao tolo do psiquismo cármico de seu passado no seio dos tipos humanos Hylico e Psíquico, buscasse sabiamente o necessário auxílio para uma reafirmação de sua aspiração fundamental: cuidar do Anthropos livre, e de sua conduta livre de tal modo que essa liberdade individual não continuasse a ferir a liberdade coletiva ou a desarmonizar a comunidade onde ele mui zelosamente buscava exercitar o seu espírito fraternal.

Nunca foi citado no seio das comunidades gnósticas a forma como um aluno poderia reparar esse seu erro e sanar ou corrigir os danos que por acaso a sua conduta pouco sábia provocara, mas a demonstração de qualquer ação nesse sentido era ainda mais bela e mais valorizada que a de quem, sempre harmonioso e sábio em sua conduta, nunca houvera causado dano algum à Ekklesia.

Isto porque, por um lado, a altíssima e honrosa paciência piedosa da Ekklesia sempre foi testada e burilada por esse tipo de acontecimento, e por outro, porque a Gnosis vê na atitude do homem que erra, mas que ao mesmo tempo toma consciência do seu erro e se dispõe a se reconduzir à conduta mais sábia, a verdadeira e mais digna conduta de um gnóstico.

Estávamos na nossa Festa da Bema de São Paulo discorrendo com alguns alunos sobre o Perdão, que é dom máximo da Gnosis, quando achamos duas palavras em torno das quais abordar tão interessante tema, a primeira sendo a SIMPLICIDADE, e a segunda, uma forma cabalizada da palavra francesa PAR-DOM.

Ser simples significa ser sábio na questão de definir o que você, homem gnóstico, deve resolver ou atribuir a si mesmo UNICAMENTE, e não atribuir de forma alguma a outros, quer pertencentes à sua Ekklesia, quer à sociedade que nos acolhe, ou seja, ser simples significa saber classificar sabiamente quais são as questões que, boas ou más, tiveram origem UNICAMENTE NO SEU EGOCENTRISMO, na sua individualidade que, adoecida pela Queda, tornou-se um EGO, e saber estabelecer até quanto uma atitude foi pautada numa ação menos egoica ou mais egoica, ou que fora pautada na liberdade de uma individualidade que se libertou em boa parte ou na totalidade da egocentricidade.

Em todos os casos a simplicidade remete uma ação que o gnóstico tenha praticado sempre e unicamente ao sábio modo dele retirar de sua própria “faísca divina” a sabedoria que lhe afasta da conduta tola. E a Ekklesia não pode, quanto a isto, interferir em nada, pois desse modo o gnóstico se apoiaria em outra sabedoria que não a da sua própria “faísca divina”.

Ora, reside nisto o fundamental problema das regras de conduta: elas são arrancadas da “faísca divina” de alguém iluminado para a prática de corações que não têm nível algum de atividade da “faísca divina”. Uma coletividade de homens apóia-se, deste modo, numa sabedoria secundária, e sabedoria secundária é sempre SABEDORIA PSÍQUICA, pois a SABEDORIA GNÓSTICA NASCE DO PRÓPRIO CORAÇÃO DO SÁBIO.

No Evangelho Cátaro fala-se que o coração do homem está composto de dois lados: O NADA E O TODO. Pelo NADA o homem encontra-se a si mesmo e na solidão do seu isolamento ele encontra o isolamento de Deus na forma de Silêncio e Transcendência. Então ele vive uma grandiosa solidão não angustiante.

Pelo lado do **TODO** o homem encontra a coletividade de coisas e seres que compõem o Pleroma, o Mundo verdadeiramente criado por Deus. E seu coração se alegra quando ele vai aspirar viver coletivamente com o **TODO** de forma fraternal ou Ekklesiástica.

Quando um gnóstico se encontra como **Anthropos** com essas duas partes do seu coração ele **TIRA UM DOM ESPECIAL DE CADA UMA**, e vive, então um **PAR-DOM**, ou seja, ele participa do **PAR DE DONS QUE MORA E HABITA NO SEU CORAÇÃO**, e sabe **VIVER HARMONIOSAMENTE COM A SOLIDÃO DO SEU LADO NADA CARDÍACO, MAS SABE, SOBRETUDO, VIVER EM HARMONIA COM O LADO DO TODO** e ambos formam o seu **PAR DE DONS** fundamentais de onde exala a sabedoria para uma conduta sábia de vida gnóstica.

Os Jessênios adotaram cuidados extremados quanto ao ato de criar regras de conduta moral ou mesmo “gnóstica” no seio de sua comunidade, **EMBORA HAJA GRANDIOSA PRESSÃO DE MUITOS PARA QUE ELAS SEJAM CRIADAS, AFIRMANDO QUE ASSIM AS REGRAS LHES AMARRA O “ANIMAL INTERIOR”** e lhes garante uma conduta de vida social, familiar e mesmo de relacionamento fraternal com a Comunidade sem crises, sem desarmonia e sem constrangimento originado por conduta tola como no caso de outras Ordens ou Escolas Gnósticas.

Como nós nos recusamos a gerar um manual de regras que lhes seja dado exatamente como solicitam, e para efeitos que eles apontam acontecer nas outras Ordens ou Comunidades religiosas ou filosóficas, tal que lhes amarre “**O ANIMAL QUE MORA NO EGO**”, sentem que na nossa Ekklesia eles ficaram “soltos demais” e que perderam o perfil de pessoas “boazinhas”, “gnósticas”, para deixarem escapar o feio que há no interior deles.

Ora, é nesses termos que evocamos a palavra **SIMPLICIDADE** quando nos solicitaram falar de **PERDÃO**. Se alguém não pode achar o simples, ou seja, o **UNO** de sua “faísca divina” e não pode tirar **UNICAMENTE DESSA FONTE INTERNA A FORÇA DE SABEDORIA QUE LHE DÊ CONDUTA CORRETA**, não tem **SABEDORIA PRIMÁRIA, GNÓSTICA, VERDADEIRAMENTE PNEUMÁTICA**, e está nos pedindo **SABEDORIA SECUNDÁRIA, PSÍQUICA**, religiosa e moralizadora. Está nos pedindo um Velho Testamento com regulações e proibições. Isto nós recusamos a dar.

Todas as comunidades que estabelecem proibições e regras diversas de participações em seus graus, e que estabelecem diretrizes sem preservar essa questão fundamental **DA SIMPLICIDADE SÃO INSTITUIÇÕES SÉRIAS APARELHADAS PARA CONDUZIR O HOMEM PSÍQUICO ÀS SUAS EXPERIÊNCIAS MAGNÍFICAS DE FÉ**, já que falta no coração destes a **Sophia** que a “faísca divina” gera somente em corações pneumáticos.

Ultimamente temos definido melhor o conceito de **Moral-Racional**, ou de **Dukkha**, para que os nossos alunos e também os pesquisadores da nossa corrente de Gnosis possam ser bem informados quanto à nossa doutrina: moral-racional é um **PAR DE DONS (PAR-DOM)** que surge na minha velha e psíquica faculdade mental da memória racional que a coloca não mais em ocupação com a escolha do que é prazeroso ou não prazeroso para o meu ego, e o que é correto ou errado para a boa preservação da minha natureza de ego, **MAS QUE AGORA SE OCUPA EM SABER O QUE É BOM OU RUIM PARA A MINHA ALMA**.

Mediante esse novo dom, a nossa faculdade mental da memória racional pode decidir e mesmo reagir acerca das questões do que é bom ou mal para o desabrochar da nossa vida perfeita de alma.

Talvez aceitemos no futuro estabelecer um conjunto de “SINAIS” que apontem, como uma mão de auxílio estendida ao coração que quer verdadeiramente descobrir a simplicidade e o par-dom, o que é ser gnóstico e o que é ser Jessênio, ou o que é ser verdadeiro cristão, verdadeiro homem ekklesiástico.

Faremos isto visando, assim, orientar os primeiros e mais obscuros dias do nosso neófito que vem de muitas Ordens e Comunidades onde o cuidado com as diretrizes não é tão apuradamente destinado a proteger a pneumaticidade de cada Anthropos.

Achamos que vitimados por esse desconhecimento, os nossos neófitos demoram demasiadamente para saberem colocar a sua sabedoria gnóstica à serviço da verdadeira liberdade da alma.

Mas esses “SINAIS” não serão expressos como regras que padronizem o comportamento ou a natureza de conduta dos nossos alunos.

Se compararmos a nossa Ekklesia com um roseiral que se quer transformar num jardim, iremos deixar que as aves do céu (os Anjos e a Fraternidade) carreguem nas suas asas as sementes e as atire no terreno arado e regado, e nós, como bons agricultores, vamos lidar com a grandiosa diversidade de plantas e flores que nascerão junto com as rosas, mesmo que os nossos dias de calma com o roseiral sejam substituídos por outros de intensa remodelagem dos contornos de pedra, ou com a excessiva e exaustiva remoção e novo preparo do solo, recolocação das novas plantinhas em cantos que se façam melhor para a sua raiz, ou que tenha solo mais apropriado para a busca de todos os materiais de sua especial seiva.

É nesse sentido que pedimos, na Festa da Bema, aos nossos companheiros auxiliares das atividades das nossas salas de exposição da doutrina jessênica, que estejam paciente e corajosamente preparados para constantes mudanças, pois o jardim que estamos formando é de grandiosa e complexa diversidade, não nos permitindo criar nenhuma padronização de métodos de organização ou de formas de recebimento e de acolhimento dos novos neófitos.

7 – O CONCEITO GNÓSTICO DOS JESSÊNIOS ACERCA DO DESTINO OU HEIMARMENÉ.

Disseram a Jesus no Evangelho Gnóstico de Tomé, dito 52: “vinte e quatro profetas falaram de ti em Israel” E ele respondeu: “vós abandonaste o Vivo que está diante de vós e falastes dos mortos.”

No Evangelho Cátaro perguntam a Jesus: “que faremos para enfrentarmos os portões da morte?” E Jesus responde: “porque adieis o dia da vossa decisão pensando que a morte está longe, muito depois desses dias de agora? Na verdade vos digo que esses dias são de uma vida que já está morrendo, e os portões da morte estão a um passo de vós. Aprendei hoje e praticai agora tudo aquilo que concerne em vencer as sete passagens da morte.”

Quando o sábio chinês Confúcio foi redargüido acerca do significado da morte, ele respondeu: “Por que vocês me perguntam o que significa a morte quando vocês não sabem nem sequer o que é viver?”

Em todas essas respostas podemos ver soar a antiga e ao mesmo tempo moderna doutrina gnóstica.

E o Evangelho de Tomé abre o seu primeiro dito, bem como muitos outros, abordando exatamente sobre o assunto. Lemos no citado dito: “Aquele que encontra o verdadeiro sentido [ou a Gnosis] dessas palavras secretas de Jesus Vivente, e anotadas por Tomé, sua Sizígia, não provará a morte.”

Buda fundamenta a sua doutrina de Salvação nas seguintes afirmações: “nascer é dor, crescer é dor, envelhecer é dor e morrer tendo que novamente nascer nesse mundo de misérias também é dor. Ouçam a doutrina de como se livrar desse mundo de dor”.

Portanto, sem polemizar com nenhuma grande religião, mas baseados no grandioso fio doutrinário das correntes de Gnosis do passado, podemos afirmar: a morte não produz sequer um grão de força salvadora, e não pode libertar o homem porque não pode conferir-lhe Gnosis ou palavras capazes de produzirem verdadeira Vida.

Portanto, persiste na Gnosis um fundamental Mistério Alquímico: o corpo biológico que forma a nossa vida que morre, e que vive do fluxo de sangue que contém os sete metais da nossa tendência para o mal é o mesmo que pode ser transformado em vaso alquímico de nossa libertação.

A nossa libertação só é possível se rompermos as sete grades de nosso aprisionamento a partir do sangue, isto numa imitação completa daquilo que o Salvador fez na cruz de seu sacrifício.

O morto não tem sangue e nem tem corpo para fazer de vaso alquímico quando da sua estadia e passagem pelo mundo dos mortos, e se ele não tirou desse sangue a sua veste luminosa de nova vida e de nova alma, ao ir para o mundo dos mortos só poderá ser novamente reintroduzido num novo corpo biológico e repostado na condição triste da vida terrestre.

É em razão disto que o moderno gnóstico holandês Jan van Rijckenborgh disse que “estado de ser é estado de sangue, e estado de sangue é estado de consciência”. Se não aprendermos a tirar o nosso sangue da sua sétupla tendência para o mal e o colocarmos na substância sutil da Gnosis, substância esta que lhe pelo Mistério do Batismo e do Mistério Prandial divino, então a morte será apenas o tribunal que dará à alma o relatório da triste auditoria de seu estado de ser: ainda és escrava dos arcontes e dos eões do falso criador, e como tal, deverás voltar à existência num novo corpo biológico e nele sofrer a dor da existência material.

Com efeito, os sete arcontes, que são chamados pelos gnósticos de Heimarmené, ou seja, “Destino Fatal”, dão ao homem que precisa existir na matéria o extrato alquímico ímpio de suas forças planetárias: *o sangue e sua setuplicidade ímpia*. E esse é o destino fatal de todos os que não conseguem, em vida, e num corpo com sangue, vencer as forças dos arcontes e deixar que nele a “faísca divina” determine o brotar da Sabedoria Primeira ou Gnóstica como estado de consciência iluminada.

Como gnósticos legítimos os Jessênios sabem que se do estado de sangue não fizermos a alquimia de um novo estado de ser não poderemos deixar que a nossa “faísca divina” inunde as nossas faculdades da mente abstrata (cognição, intuição e iluminação) de Gnosis, de Sabedoria que nos tire da ação tola e nos coloque na ação verdadeiramente libertadora; e senão pudermos praticar (por não colecionarmos durante uma vida de ação discipular diária libertadora) atitudes que tirem a nossa alma do extrato sideral arcôntico que a cobre e pesa, esses extratos serão cobrados de volta pelos guardas das portas do reino da morte, e nua, a nossa alma não terá veículo que a leve para o Tesouro da Luz, ou seja, para o Reino da Vida Perfeita. E essa nudez a remeterá de volta para o reino material ou reino da dor.

Que nos perdoe os amigos espíritas, e todos os monistas radicais adeptos do mediunismo, mas nós vamos continuar afirmando que somente a Gnosis (não a Gnosis que representa um grupo de religiosos ou um grupo de doutrinas, mas a Gnosis como força de Sabedoria e de Iluminação nascida de Deus e enviada na Terra na forma de Jesus Nazoreu e que se transformou em Força-Paraclete ao ser derramada na cruz) é verdadeiramente libertadora e salvadora, e que esta força está na água do Batismo e na substância do Graal da Refeição Sagrada, disponível para todo homem que queira se libertar e se iluminar.

Caso queiram argumentar ou discorrer conosco acerca dessa doutrina gnóstica, então vamos mostrar para vocês o conteúdo do ensinamento dos grandes Mensageiros da Luz: Krishna, Osíris, Buda, Lao-Tsé, Moisés, Zoroastro, Pitágoras, Apolônio de Tiana, Platão, o Mestre Essênio da Retidão, Jesus, os Apóstolos, os primeiros gnósticos, dentre eles Valentin Egípcio, um dos maiores e mais sábios gnósticos do século II d.C. e quiçá, de toda a era cristã, e também Mani, os Maniqueus, os Elkessaítas, os Mandeianos, os Bogomilos, os Paulicianos, os Priscilianos, os Cátaros, os Cavaleiros Templários e os Rosacruz, dentre esses últimos Jacob Boehme, o iluminado alemão do século XVII d.C., Robert Fludd, Henry Kunrath, e muitos outros.

8 – A GNOSIS JESSÊNICA E SUA DEFINIÇÃO DE PSIQÜÊ E DA APRECIACÃO CIENTÍFICO JUNGUIANA DOS ASPECTOS DA PSIQÜÊ E DO EGO DO SER HUMANO.

Ao longo do Século XX a nova disciplina científica da psicologia ganhou muita profundidade e proeminência.

De uma forma diferente, ou mesmo inusitada, Freud, um dos nomes que fez essa disciplina científica da mente sair da teoria e ganhar lugar nos meios acadêmicos médicos, recorreu aos mitos, em especial ao Mito de Édipo, para sondar e descobrir elementos importantes da psique humana.

Os Mitos voltaram, então, ao contexto da apreciação intelectual acadêmica, e mais especificamente médica, para mostrar um lado de sua face que até então era pouco ou quase nada conhecido.

Entre os psicólogos de grande notoriedade do século XX que também se interessaram pelos mitos, em especial os gregos e também os alquímicos, destaca-se o nome de C. G. Jung.

Este, indo ainda mais longe que seu mestre Freud, e, por causa disto, duramente criticado por seu instrutor acadêmico, buscou o segredo da mente humana e o da psique nos tratados alquímicos, nos mitos gregos e em especial nos escritos gnósticos.

Jung era um pesquisador de visão larga, e um dos ângulos de sua visão houvera sido o da apreciação da Biblioteca de Nag Hammadi, composta de escritos gnósticos achados no Egito em 1945. Nesses escritos ele pôde apreciar a sabedoria gnóstica e descobrir nela o vasto saber dos mestres gnósticos acerca da mente humana e seus conteúdos psicológicos.

Jung foi somente um dos que entenderam que o Gnosticismo, em especial aquele de Nag Hammadi, que representa a manifestação da Gnosis entre os séculos I e IV da nossa era cristã, era um grandioso e mui sábio conjunto de conhecimentos que definiam a psique humana com muita perfeição.

Seu professor, Freud, pai da chamada psicanálise, e outros contemporâneos de Jung, o acusaram de ser pouco científico em seus procedimentos de pesquisa e o acusaram de misticismo ou mesmo de afiliação ao Gnosticismo.

Mas, nem mesmo Freud pôde evitar que também a sua linha de pesquisa fosse considerada por alguns como também influenciada pela Gnosis.

Em um site, podemos observar a opinião de teólogos e outros acadêmicos sobre a Gnosis. O endereço é o seguinte: <http://www.montfort.org.br/old/veritas/gnose.html>¹⁴.

Os autores daquele site afirmam categoricamente que ramos diversos da ciência tornaram-se expressões da Gnosis ao longo do século XX, dentre eles a física e a psicanálise, e outros ramos do conhecimento humano, tais como o progressismo, o positivismo, o marxismo, o fascismo e o nazismo.

Embora não concordemos com aqueles autores, entretanto, vamos buscar com espírito de verdadeira investigação gnóstica as suas afirmações e elucidar para o leitor desse nosso opúsculo alguns importantes pontos.

Citando uma pesquisadora de nome Simone de Pètremont, que estudou a literatura européia e mundial a partir do Romantismo, os autores do referido site destacam as seguintes palavras: “a julgar por nossa literatura, nós entramos numa idade gnóstica”.

Se considerarmos as obras de Jung como “literatura”, então vamos ver que essa “idade gnóstica” tem agora um aval científico fortíssimo e que se tornou a principal preocupação de religiosos, teólogos e outros pensadores influenciados até hoje pela propaganda negativa dos chamados heresiólogos da Igreja Romana e Ortodoxa Cristãs.

De fato, o reconhecimento acadêmico do fato de que a Gnosis cristã conseguiu definir com esmero – e isto ao ponto de chamar a atenção de um gênio como Jung – a mente e a psique humana, o que nem de longe foi conseguido pelos cristãos romanos e ortodoxos, é um duríssimo golpe para a Igreja e os teólogos, sociólogos e pensadores a ela ligados e comprometidos.

¹⁴ O link mencionado no texto é www.comunidadebeatitudes.com/atualiza/internas/falsareligiãognose.htm, não mais disponível na internet. (Nota do revisor)

O Gnosticismo seguiu de perto o Pitagorismo e definiu a mente humana como um organismo sutil composto das faculdades de *pensamento, vontade, sentimento, memória racional, cognição, intuição e iluminação*.

Em seguida o Gnosticismo buscou definir a Alma ou Psique, ligando a sua natureza ao sangue e aos sete metais ímpios que nele agem sutilmente, e nisto foi imitado de perto pela Alquimia, ciência medieval que na Europa representou uma corrente da Gnosis que dava ainda maior valor científico aos seus conteúdos doutrinários.

E o Gnosticismo descreveu sobre o périplo dessa Alma humana no corpo com sangue como uma história de tormentos ou um drama com grandioso fundo de sofrimento a permear essa Alma e a taldar todas as suas tentativas de se fazer consciente de sua elevada descendência e da necessidade de se libertar do seu cárcere corporal.

E esse périplo de sofrimentos da Alma é o centro temático das velhas correntes esotéricas do Pitagorismo, do Platonismo e do Essenismo e do Zoroastrismo, bem como em parte, dos Mistérios de Ísis e Osíris e do Budismo, que são tomados pelo Gnosticismo para uma verdadeira reformulação esotérico-mítica.

O Gnosticismo reconta a história do mergulho lamentável da Alma ou Psique humana no mundo material construindo um grandioso novo mito que relaciona a Alma aos poderes cósmicos ímpios, à figura do Salvador, de uma encarnação humana da Deidade, de sua saga dia-a-dia entre nós humanos, da Cruz, do Túmulo etc.

E Jung, no seu livro *Resposta a Jó*, diz-nos ao captar essa função que a Gnosis dá ao mito: “o dia-a-dia de Cristo se acha de tal modo entremeado ao maravilhoso e ao mítico, que nunca se pode saber o que é real e o que não é... admitiu-se, no tocante a isso, que Cristo seria apenas um mito, o que equivaleria a dizer que ele seria uma ficção. O mito, porém, não é uma ficção; pelo contrário, o mito se verifica em fatos que se repetem incessantemente e podem ser constantemente observados. Ele ocorre no homem, tendo os homens um destino mítico, do mesmo modo que os heróis da mitologia grega.”

Jung vai levar – no seu citado opúsculo *Resposta a Jó* - essa arte esotérica de visão mito-gnóstica da vida de Cristo, de Javé e de Jó ao elevadíssimo nível de uma reflexão que define por completo a Psique humana e sua capacidade de lidar com o destino (ou Heimarmené) ou a sua concepção de Deus, usando para a base de seus argumentos ou instrumentos de investigação o Gnosticismo.

O Gnosticismo via nos apocalipses uma verdadeira forma ou linguagem literária mítica que mostrava a realidade de uma mente e Psique preparadas para compreenderem Deus, e ter com Ele relacionamento iluminativo. E Jung percebeu isto quando escolheu o profeta Ezequiel, cujo livro é a base donde surge a literatura apocalíptica, para uma investigação psiquiátrica.

Jung diz a respeito de Ezequiel no seu opúsculo que viemos atrás citando: “Como psiquiatra devo enfatizar expressamente que as visões e os fenômenos concomitantes não podem ser considerados, sem um exame crítico, como patológicos. Do mesmo modo que o sonho, a visão também é um acontecimento raro, embora natural, e só pode ser classificada de ‘patológica’ quando sua natureza doentia for comprovada. Consideradas de um ponto de vista puramente clínico, as visões de Ezequiel são de natureza arquetípica e de maneira alguma patologicamente desfiguradas. Elas são indícios de que já havia um inconsciente separado de

algum modo da consciência. A primeira grande visão [de Ezequiel] é constituída de duas quaternidades bem ordenadas e combinadas entre si, verdadeiras representações da totalidade...”

Percebemos, como gnósticos modernos, que Jung está estudando a Psique de Ezequiel focando uma parte da sua visão de quatro animais e de quatro rodas, registradas no seu livro, capítulo 1. Ora, é justamente nessa dupla quaternidade que Ezequiel contempla com seu olho visionário que podemos verificar fortes traços de uma doutrina que vai ser mais tarde ensinada no Pitagorismo, que passa para a arte profética do visionário João, no Apocalipse cristão, e que reaparece com toda força na Gnosis Valentiniana, em especial aquela que descreve a percepção da mente do grande mestre gnóstico egípcio do que é a Triconíade, ou seja, a totalidade¹⁵, representando-a como mundos divinos formados por duas Tétrades, uma Década e uma Duodécada.

Precisamos nos ocupar um pouco mais dessa questão da opinião de Jung sobre as visões, sonhos e revelações noturnas, pois os Jessênios têm nesses fenômenos da mente importantes instrumentos para a sua iniciação.

Os Jessênios foram conduzidos pelo seu professor maior, o hierofante Jodachay Bilback, a um nível de apreciação tanto da Gnosis Valentiniana quanto da Gnosis Maniquêia que lhes proporciona rever técnicas de Mistérios Gnósticos que permitem uma verdadeira preparação mental para uma visão noturna, em sono e sonho, da totalidade, ou seja, do Pleroma, e não só isto, mas que lhes permite ter uma visão de como estão mergulhados no Kenoma, e como esse Kenoma é constituído por um cosmos eônico ímpio que forma o mundo dos mortos, o Gueenah, a Esfera Refletora ou a Heimarmené, reino obscuro murado por forças aprisionadoras chamadas guardas arcônticos.

Podemos dizer que os nossos alunos que estão vivendo mais intensamente as nossas técnicas de Iniciação Gnóstica dormem e passam a sonhar como Pistis Sophias, sentindo-se como a figura central daquele evangelho valentiniano que profere do caos e do lugar rodeado de eões ímpios as suas treze súplicas de arrependimento.

É tão elevada essa experiência de que estamos pela primeira vez tratando de modo público que precisamos dizer com todas as letras: fomos forçados a mostrar este que é um dos nossos segredos centrais por razão de termos sido mal interpretados por outros gnósticos que – levados a um verdadeiro pavor do Gueenah ou Esfera Refletora por seu hierofante - tomaram o nosso comentário ao Evangelho da Pistis Sophia como uma obra inspirada pelas forças eônicas da Esfera Refletora, e entenderam que aquilo que é o Mistério da Psicopompia, pertencente aos Cátaros, aos Bogomilos, aos Mandeanos, aos Egípcios e Tibetanos, na verdade é uma perigosa arte de ligação do aluno Jessênio com o mundo dos mortos.

Variadas vezes expusemos em nosso site que os Jessênios, como todos os antigos gnósticos, são anti-cósmicos, ou seja, não têm ligação com o cosmos eônico que envolve o Kenoma e que forma o vale sétuplo da morte descrito no Salmo 23.

¹⁵ Repare aqui o leitor desse nosso opúsculo que nós grifamos a palavra totalidade duas vezes, uma neste parágrafo, e outra no parágrafo anterior, onde citamos as palavras de Jung. De fato estamos tentando aqui chamar a atenção para aquilo que consideramos uma prévia defesa da prática gnóstica jessênia de tratar os sonhos como ensaios pré-psicopômnicos. E é justamente no que se refere a essa prática jessênia que alguns gnósticos modernos se apóiam para dizer que o nosso ensinamento provém do Gueenah ou da Esfera Refletora, também chamada de Esfera da Heimarmené e dos Eões do Destino Fatal.

Porém, desta vez, vamos ser mais sucintos, visto que aumentaram, entre alguns gnósticos modernos, ainda mais as suspeitas de que praticamos magia mediúmica ou eônica, e que a ensinamos nos nossos quatro volumes de comentário ao Evangelho da Pistis Sophia.

Indo na direção de grandiosos insights de Jung no que concerne ao papel mitológico (ou apocalíptico) do relacionamento da Psique humana com o Paracleto, precisamos mostrar algo mais ou menos inédito no esoterismo dualista, em especial naquele que chamamos de gnóstico.

Na parte 749 do livro *Respostas a Jó Jung*, embora se considerando leigo em teologia, não obstante ousa afirmar que “o protestantismo, ao negar o mito ainda mais que o catolicismo, perdeu contato com as grandiosas transformações arquetípicas que se operam na Alma do indivíduo... e também nos símbolos...”.

Caros gnósticos que estranham a nossa moderna e gnóstica arte de mesclar história e mito, e de cercá-los de símbolos que são aplicados gnosticamente em diversas experiências da nossa prática de Iniciação dos Mistérios: como Igreja do Paracleto somente desejamos, com tais técnicas, abrir a mente e a Psique de nossos alunos, tal como abriam as Iniciações Gnósticas antigas, dentre elas a Valentiniana e a Maniquêia, às profundas transformações que Jung denomina de arquetípicas, as quais ligam a alma dos nossos alunos, e suas mentes, às profundas experiências revelativas ao drama de Pistis Sophia, ou seja, ao drama divino da alma mergulhada no lado terrestre do Kenoma e cercada pelo lado sutil cósmico da Esfera Refletora.

A esses gnósticos que estranham a nossa doutrina e prática, e que repudiam as experiências visionárias noturnas da Gnosis Jessênica como sendo “acontecimentos causados por uma ligação ou parceria com a Esfera Refletora, sendo todas de natureza doentia” repetimos as palavras de Jung: “O protestantismo [ó sim, o protestantismo!] parece ter sucumbido a um historicismo racionalista, perdendo a sensibilidade para a presença do Espírito Santo que atua no mais recôndito de nossa Alma. Por isso é incapaz de compreender ou admitir uma nova revelação do drama mítico divino da Alma.”

O que vocês estão chamando de parceria com a Esfera Refletora é, na verdade, como mostra esse genial gnóstico moderno chamado Jung, uma abertura iniciática cuja técnica tiramos do tesouro gnóstico dos grandes mestres cristãos esoteristas do passado, e que permite cada Alma jessênica noturnamente viver em intensidade sua ligação com o Paracleto ou Espírito Santo por meio dos símbolos e gestos sagrados da Iniciação dos Cinco Selamentos de Mistérios, e assim, vivenciar como Pistis Sophia, as treze agonias do aprisionamento de toda Alma decaída no Kenoma, vivência essa que antecipa para essas Almas o conteúdo das experiências que deverão futuramente enfrentar quando, livres da vida biológica, irão atravessar os sete portões da morte até chegarem no lugar da dupla Tétrade, ou o lugar da Ogdoadade, da Totalidade ou do Pleroma.

Num tom nunca antes usado por nós – e isto por absoluto respeito fraternal a todas as correntes gnósticas – agora nos dirigimos a esses gnósticos que estranham a nossa doutrina psicopômica e a nossa iniciação paracleteana para dizer: companheiros, a vossa compreensão está vos conduzindo para o mesmo estado de atitude dogmática praticada pelos protestantes contra o mito gnóstico e contra as suas novas formulações, a algumas centenas de anos! Se tínheis dificuldades para vos firmar como Igreja do Paracleto antes da morte dos vossos hierofantes, agora as tereis em muito mais intensidade se continuardes a desconhecer o

que tanto Jung, como gnóstico moderno, reconheceu na arte mítico-iniciática dos gnósticos antigos, quanto nós jessênios reconhecemos como legitimamente ensinado no Evangelho da Pistis Sophia.

Alguns de vossos alunos ou ex-alunos estiveram em ocasião recente na minha sala de visita para dizerem com a boca cheia de certezas e de opiniões: “odiamos toda atitude que mistura história com mito, tal como o fazem os jessênios em diversas ocasiões, e também a Rosacruz quando propõe o mito de C.R.C.”.

Queremos reputar a ignorância desses meus visitantes a eles mesmos, ou seja, ao seu espírito pouco pneumático que os conduziu a uma pouquíssima pesquisa esotérica, e, em consequência, a uma tão infeliz e impensada afirmação.

Mas, o relato que aqui damos acerca desses companheiros completamente mal informados sobre o que é a Gnosis e o que é a Rosacruz, e a razão dessas duas correntes, como legítimas forças iniciáticas e Escolas de Mistérios, utilizarem do mito como rico arsenal de conteúdos simbólicos que impregnam a mente e a Psique humanas de condições etéricas de experiências verdadeiramente gnósticas e de experimentação das forças transformadoras do Paraclete, é bastante lamentável e deve servir para que uma nova atitude hierofântica ocorra de alguma forma em vosso meio.

Com a certeza de que tal atitude de aviso e alerta nossa no tocante a esse assunto será vista como amiga e advinda de quem se preocupa sincera e desinteressadamente, fraternalmente, com a vossa corrente gnóstica, remetemos-vos aos comentários que a seguir desenvolveremos.

9 - O GRANDE CONCEITO GNÓSTICO ANTIGO DE GUEENAH OU ESFERA REFLETORA E O TRABALHO DA PSICOPOMPIA DAS GRANDES ESCOLAS DE MISTÉRIOS DE TODOS OS TEMPOS E ÉPOCAS.

Quem recorre à literatura das antigas Escolas de Mistérios, mesmo aquelas guardadas já na forma de mitos ou lendas, descobre que certos temas doutrinários são comuns entre elas, como por exemplo, o caso da descida da deusa babilônica Istar ao reino da morte à procura do seu esposo Adonis.

No Egito essa questão de fazer o morto atravessar a região tenebrosa da morte tornou-se a tônica central de toda a teologia esotérica da classe dos sacerdotes e iniciados, considerada a mais importante, juntamente com a militar, no topo da qual o Faraó acumulava os dois poderes: o de chefe máximo militar e o de sacerdote-mago.

O esmero em preparar a sepultura para o dia do falecimento devido à crença de que o morto precisava de todo um aparato mágico e ritualístico para fazer a sua passagem pelo lugar tenebroso da morte fazia da classe mais rica a primeira a apoiar, financiar e respeitar a classe sacerdotal, que se encarregava, então, de tornar a religião esotérica egípcia a mais bela e a mais ritualística de todas da antiguidade.

Essa religião precisou produzir um conjunto de escritos que constituía as diversas versões para o complexo ritual funerário de seus membros e crentes. E esse conjunto é, a partir do advento da egiptologia no final do século XIX e começo do século XX, conhecido como Livro dos Mortos Egípcio.

Nesse conjunto de rituais chamado Livro dos Mortos Egípcio, a figura do deus Osíris, que foi esquartejado por seu irmão Seth que lhe invejava o trono do Egito, e chorado pela linda Ísis, sua esposa, que lhe providenciou um complexo ritual de passagem pelo mundo dos mortos até a ressurreição, é central.

O morto é levado a crer que vai descer à sepultura e a partir daquele momento irá entrar na noite tenebrosa da região dos mortos, repleta de perigos e de criaturas demoníacas que querem fazê-lo comer imundícies, perder os movimentos das pernas, ou perder a cabeça, ou ainda fazê-lo perder a fala com a qual ele pode produzir palavras mágicas de esconjuro aos demônios ou que faz abrir os portais que lhe acessam o reino da vida e da luz.

Se o morto não vencer esses obstáculos ou esses demônios, corre o risco de ficar preso ao mundo da morte e sofrer diversos danos.

Para vencer cada perigo ou ameaça à sua travessia, o morto cita as suas conquistas com sua participação nos segredos dos grandes Mistérios de Osíris, ou de Toth, ou ainda, de Ísis. Ou ainda cita as providências que o sacerdote encarregado de preparar rituais fúnebres em sua sepultura, ou aparelhá-la com estatuetas, bolos, sementes raras, jóias na forma de animais-deuses, encarrega-se de perpetuar ou tornar eficazes como oferendas aos deuses, como instrumentos de magia sagrada etc.

Uma boa quantia dos capítulos do Livro Egípcio dos Mortos recebeu o título de “De Como Sair à Luz”, onde Osíris como deus-homem e rei, sofrera morte por afogamento e mutilação, mas, embalsamado por sua esposa Ísis, e por Neftis, recebeu uma série de amuletos mágicos, que o protegeram do mal existente no além-túmulo, lugar escuro ou noturno repleto de perigos, e, por efeito de forças mágicas provocadas por uma série de rituais que essas duas sacerdotisas celebraram, venceu a noite tumular e saiu no lugar de plena Luz dotado de vida eterna.

Os enigmáticos preparativos e os complexos rituais e cerimoniais mágicos que Ísis e Neftis prepararam para a ressurreição do deus-homem Osíris constituíam segredo iniciático e só eram ensinados nos chamados Cultos de Mistérios.

O maior culto de Mistérios do Egito foi chamado de *Culto de Mistérios de Ísis e Osíris*. Nele eram preparados sacerdotes, e o Faraó, para entender e cumprir, executar, tudo o que Ísis e Neftis fizeram e que resultou na ressurreição de Osíris. Isso para que eles próprios pudessem executar os mesmos cerimoniais e o mesmo conjunto de preparações, ou para si, ou para outros mortos que pagassem para que fossem guiados pelo mundo do além-túmulo.

Na antiga Grécia também haviam cultos de Mistérios encarregados de guiar os mortos pela noite tumular, e um dos mais antigos era o Culto de Mistérios de Baco, deus do vinho e da dança.

Voltando um pouco para as crenças egípcias, Osíris quando enterrado era louvado como “aquele pelo qual o mundo verde cresceu”, produziu trigo e grãos dos quais se tiram “bolos e cerveja” como bebidas sagradas que o morto deveria usar para uma nutrição sagrada que lhe permita ser forte e vencedor no mundo escuro do além-túmulo (Capítulo 1 do Livro Egípcio dos Mortos).

O Culto de Mistérios de Baco também tinha, originalmente, a idéia de que um deus-homem vencedor da morte, ao ser erguido ao estado de deus causou uma força que penetrou nas videiras e que ajuda todo iniciado a se preparar igualmente para a morte.

Um grande sacerdote de Baco veio a ser o pai de Orfeu, e este fundou uma outra grandiosa linha de Culto de Mistérios na Grécia.

O Orfismo, como ficou conhecida a doutrina de Orfeu, centrava-se na idéia de que a música, e a poesia com seus versos mágicos, podiam ser preparados, juntamente com rituais de purificação, para que se pudesse ter acesso ao mundo dos mortos e lá libertar entes queridos presos entre mil armadilhas.

Nessa descida ao inferno da morte, um terrível animal, cão de três cabeças e com crinas formadas por cem serpentes venenosas, cujo latido estremecia o mundo do além-túmulo, devia ser domado ou adormecido para que se pudesse passar pelo mundo da morte sem sofrer danos e alcançar o lugar da vida paradisíaca.

Esse terrível animal era denominado Cérbero, cão que guardava o inferno e impedia que os ali aprisionados pudessem escapar.

De certa forma idéias semelhantes foram assimiladas por Moisés durante sua permanência no Egito, de tal forma que o povo bíblico israelita recebeu desse grande personagem orientações para também fazer uso de bebidas e pães sagrados visando uma comunhão com Deus.

Quando o povo israelita esteve cativo na Babilônia, o culto de Istar, e outros cultos de povos ali também feitos cativos pelo Império Babilônico, teve parte de sua complexa doutrina esotérica assimilada pelos sacerdotes de Israel.

O chamado Apocalipse de Esdras, ou o IV Livro de Esdras, evoca a doutrina dos Mistérios de Baco quando descreve que Esdras, para recuperar os Escritos Sagrados do Povo de Israel, sentou-se separado do povo, debaixo de um carvalho, e bebeu vinho que lhe foi ao coração e lhe provocou a sabedoria segundo a qual produziu duas séries de Livros Sagrados: Vinte e Quatro para os iniciados ou eleitos, e Setenta e Dois para o povo em geral.

Israel deu ao mundo do além-túmulo dois nomes: *Sheol* e *Gueenah*, descrevendo-os como abismos nos quais o morto se mete para poder atravessar, vencer, e chegar ao lugar do bom repouso.

O Livro de Enoque descreve a Gueenah como um vale entre montanhas no Ocidente onde reside toda sorte de sofrimentos e para onde os Anjos se dirigem com a finalidade de exercer observações, verificações e auxílio.

Mas, duas partes das Escrituras Sagradas do povo de Israel mostram mui claramente reflexos diretos e muito fiéis da doutrina dos Mistérios referente aos preparativos de um iniciado para enfrentar o mundo dos mortos, e estes são o Salmo 23 e o Salmo 91.

10 – O TEMOR DE ALGUNS GNÓSTICOS MODERNOS DAQUILO QUE É A GRANDE OBRA ANGÉLICA DO AMOR DE DEUS JUNTO AO MISTÉRIO DA MORTE REVELADO NO SALMO 23.

No Salmo 23, verso 4, lemos: “Ainda que eu andasse pelo vale da sombra da morte, mal nenhum eu temeria, porque a tua vara e o teu cajado me consolam”.

Olhar essa passagem bíblica com um olho hierofântico gnóstico denota em algo extremamente diferente que o olhar teológico religioso, ou mesmo diferente do olhar esotérico mais geral.

Ultimamente temos notado nos nossos alunos uma grandiosa satisfação por termos como instrumento gnóstico o Graal, o Vaso Sagrado, e a Psicopompia.

Nesse recém passado dia 20 de Setembro de 2007, estando com um casal de jessênios em minha casa, fui argüido acerca do uso mais adequado que um jessênio deve fazer dos salmos.

Para responder ao questionamento precisei falar do Salmo 18, do Salmo 23, do 36, do 91, do 104 e dos Salmos finais 149 e 150.

Também discorri com eles acerca do uso que o Evangelho da Pistis Sophia faz dos Salmos, apresentando-os como respostas a complexos discursos esotéricos de Jesus acerca de sua doutrina secreta e iniciática.

Adotei um modo especial de abordagem com os companheiros que se hospedaram em minha casa porque eles eram oriundos de uma Escola Gnóstica onde aprenderam que a Fraternidade da Luz, os agentes angélicos da Luz de Deus, tinham um trabalho especial na Gueenah, também conhecida como Esfera Refletores.

Com efeito, eles temiam muito confundir o Trabalho da Fraternidade da Luz e dos Filhos Angélicos, ou os verdadeiros Filhos Celestes da Luz, com aquilo que o esoterismo espírita denomina de contato mediúnicos com os “filhos da luz” habitantes da Gueenah.

Seu grão-mestre, de nome Jan van Rijckenborgh, ensinou em diversas ocasiões, sobre essa região astral e denunciou os chamados “filhos da luz” ali habitantes como maldosos seres astrais que têm por missão aprisionar e enganar o morto em sua viagem de passagem pela Gueenah.

Portanto, diferenciar os pseudos filhos da luz daqueles Anjos da Luz de Deus é uma questão fundamental para a corrente gnóstica fundada por Jan van Rijckenborgh, pois ele desejava evitar que seus alunos fossem enganados pelos seres da Gueenah.

Acontece que algo ocorreu no ensino daquela Escola Gnóstica, que dividiu seus alunos em duas fileiras de opinião diferentes acerca da Gueenah. Uma fileira não acredita de forma alguma que exista algum trabalho da Fraternidade da Luz na Gueenah, e que aquela é uma região que devia ser evitada a todo custo pelos candidatos à iniciação. A outra afirma categoricamente que existe um trabalho da Fraternidade da Luz na região dos mortos e que a preparação fundamental dos alunos deveria permitir que se distinguisse na Gueenah, no momento da travessia da região da morte, quem eram os pseudos filhos da luz e quem era realmente os verdadeiros Filhos Angélicos da Luz.

O primeiro grupo encontra-se, agora, nesses últimos anos, ensinando que seus alunos seriam desviados da Gueenah ou Esfera Refletora, e não precisariam de forma alguma ter que enfrentar o vale da morte.

Eles repudiam qualquer trabalho da Gueenah, pois acham que lá não existe nada da Fraternidade da Luz.

Precisamos, então, mostrar qual dos dois grupos daquela Escola encontra-se mais perto da Gnosis e do ensino de Jan van Rijckenborgh.

Em razão disto, quero, nessa oportunidade, ocupar-me dos Salmos 23 e 91, conhecidos como Salmos da Psicopompia, abordando-os segundo o uso gnóstico que deles faz uso o Evangelho da Pistis Sophia.

11 – O EVANGELHO DA PISTIS SOPHIA E O SEGREDO DO TRABALHO DA FRATERNIDADE ANGÉLICA NO ESPAÇO DA ESFERA REFLETORA OU GUEENAH.

Lemos o Evangelho Gnóstico de Tomé: “*Jesus disse: Sede atravessadores (Dito 42)*”. A palavra para *atravessadores* é, na versão de tradução de correspondente à palavra grega *peratai*.

Ora, Irineu de Lion, o grande inimigo da Gnosis no século II d.C., dá conta de um grupo de gnósticos de seu tempo que se chamava *peratai* – *περαται* ou *atravessadores*.

A palavra *perasis* - *περασις* significa *travessia*, *passagem da vida para a morte*; a palavra *peratós* - *περατὸς* significa *transitável* e o verbo *perao* – *περάω* significa *atravessar*, *transpor limites*.

De fato, James Robson, um dos especialistas em idioma copta que traduziu os documentos de Nag Hammadi, usou, no dito 42 do Evangelho de Tomé, palavra em inglês que foi traduzida para o português como transeunte, ficando o dito da seguinte forma: “*sede transeuntes*”.

De qualquer forma, ser *peratai* ou atravessador significa, especificamente, ser um homem preparado para atravessar o vale da morte até alcançar o vale da vida eterna.

Os gnósticos identificados por Irineu de Lion como *Peratai* eram, portanto, preparadores de discípulos para a tremenda ação de travessia do vale da morte ou Gueenah.

Todos sabem que os jessênios vieram a público em 23 de Setembro de 2001 e que fizeram esse ato de manifestação pública coincidir com a publicação dos volumes 1 e 2 do comentário ao *Evangelho da Pistis Sophia*.

No próprio comentário ao Evangelho da Pistis Sophia os jessênios introduziram pela primeira vez trechos de um outro desconhecido Evangelho denominado *Evangelho Cátaro*, e que guardam até o presente momento o texto integral desse documento gnóstico até mesmo de seus alunos mais avançados.

E nessa oportunidade os jessênios revelam que irão colocar ao lado dos quatro volumes de comentários ao Evangelho da Pistis Sophia um quinto volume, já em preparação,

onde muitos assuntos fundamentais da doutrina gnóstica receberão especial abordagem, dentre eles a doutrina das Hipóstases Angélicas, a doutrina da Psicopompia Gnóstica e a doutrina da luta cósmica angélica dos Anjos Rafael, Mikael e Uriel com os Arcontes de Eão, anjos que se aproveitaram da ação de Jesus de virar a face das esferas desses Arcontes para determinada região fora do domínio astrológico, mas observável por meio de astrosofia, onde o socorro psicopômico poderia ser ofertado de modo nunca antes imaginado pelos sábios da Terra.

Isto quer dizer que os comentários desse quinto volume explorarão com profundidade e melhor ocupação os aspectos proféticos e apocalípticos do Evangelho da Pistis Sophia.

E a razão de estarmos acrescentando aos quatro volumes esse quinto consiste em estarmos muito preocupados em sermos acusados por outros gnósticos modernos de não gnósticos e de grupo comprometido com práticas e com doutrinas que são ensinadas e patrocinadas por seres da “esfera refletora”, ou seja, pelos arcontes que agem como guardas acusadores e enganadores que vigiam os sete portões do mundo dos mortos e que têm por missão danar a alma do morto e reintroduzi-la ainda mais nua e ainda mais perdida, num novo corpo de vida biológica sobre a superfície da Terra.

Um episódio que manteremos em segredo parcialmente cercou o nosso comentário ao Evangelho da Pistis Sophia de dúvida que mancha a sua qualidade de obra de cunho inteiramente gnóstico, e foi para nós a última atitude que somada a tantas outras levou-nos a apressar não só essa prévia defesa que desenvolveremos no presente ponto 11 e que estenderemos para os pontos 12 e 13, mas também a de levarmos para as nossas *Palestras Públicas acerca dos Evangelhos Gnósticos Apócrifos*, a partir desse 23 de Setembro de 2007, e começando por Brasília¹⁶, o conteúdo da Gnosis que está contido no Evangelho da Pistis Sophia.

12 – APROFUNDAMENTO DAQUILO ACERCA DO PENSAMENTO JESSÊNIO SOBRE CABALÁH, GNOSIS E GNOSTICISMO.

Concluímos assim, afirmando que nós jessênios buscamos o mais amplo e mais intenso conjunto doutrinal da Gnosis e do Gnosticismo clássico, tal como o de Nag Hammadi, o do Evangelho de Judas, o Evangelho da Pistis Sophia ou os ensinamentos de Mani, e que por meio de nossa influência semita, ainda nos estendemos ao Gnosticismo Judaico, apreciando de forma intensa e substancial o elevado trabalho dos essênios expresso em Qumran, ou também expresso pelos terapeutas egípcios e os nazoreus do Monte Carmelo, por Fílon, amigo dos terapeutas egípcios, e também o expresso pela Cabaláh em especial registrado no Sepher Yetsiráh.

Também o Budismo e o Zoroastrianismo, de que o trabalho gnóstico dos maniqueus está impregnado em grande substancialidade, apresentam-se em modo próprio nos elementos doutrinários gnósticos dos jessênios.

Pode alguém reclamar que a Comunidade Jessênica não apresenta o Budismo como ele é em si mesmo, porém, como hierofante e sintetizador de religiões, Mani buscou no Budismo fundamentalmente a idéia de que esse mundo é mal, ilusório, e que a mente é uma construção

¹⁶ Onde estaremos, de 28 a 30 de Setembro de 2007, para grande encontro com o público pesquisador daquela cidade planaltina.

desse mundo, portanto, uma assassina dos elementos verdadeiramente preemptórios da existência espiritual humana.

O Budismo tal como está apresentado atualmente, pende fortemente para o monismo radical, e recentemente tivemos que ouvir o seguinte de um representante desse budismo: “*a roda de Nirvana está dentro da roda de Samsara, portanto uma experimentação viva, atenta, intuitiva de Samsara é que leva ao centro dela, ou seja, ao Nirvana.*”

Nós, porém, vamos continuar confirmando e anunciando exatamente aquela doutrina que Mani percebeu no Budismo: *Samsara e Nirvana são duas rodas completamente distintas, uma ilusória e perecível, não podendo oferecer nada além de Dukkha ou insatisfação com essa ordem de vida material, e a outra sendo o Pleroma da Vida Espiritual bem-aventurada.*

Ademais, o monismo tem produzido grupos e estilos doutrinários de vida causadores de muita preocupação nesses últimos tempos, pois envolvem idéia de sexualidade livre quase sempre em choque violento com a ordem natural e as leis das sociedades modernas civilizadas.

O dualismo, em especial em sua versão cátera, deixou uma marca de elevada espiritualidade não sexual nos registros da história da saga da humanidade nesse planeta, sendo um exemplo raro de religião gnóstica que produziu uma sociedade justa, calma, igualitária e com um sentimento de respeito tão vasto pela figura feminina que talvez seja por muitos séculos futuros um norte ou fanal a se mirar, pois não só se faz atual como se projeta para o futuro.

Assim, com grandiosa e alegre firmeza de espírito, os jessênios se dizem gnósticos semitas, ou seja, sufis e cabalistas cristãos, essênios-gnósticos, ou apreciadores do testemunho de Qumran e dos terapeutas egípcios, maniqueus, com uma apreciação fundamental do bogomilismo moderado italiano, cristãos, com apreciação especial da Gnosis de Valentin, arqui-hierofante do século II d. C., fieis à doutrina de Sophia desde o Evangelho da Pistis Sophia até o rosa-cruz Jacob Boehme, do século XVII d.C., rosa-cruzes desde Johannes Valentin Andreae até Jan van Rijckenborgh, e seguidores do Gnosticismo cristão, e dualistas desde Zoroastro, essênios, naassênios, Mani, Prisciliano e Bogomil, até os modernos mandeanos.

Somos um grupo batismal, com traços hereditários gnósticos com os anabatistas (rebatizadores) de todos os tempos: ebionitas, cristãos palestinos do século I, elkessaítas, mandeanos e valdenses pré-reforma protestante.

Somos Escola de Mistérios, seguindo de perto as orientações astrosóficas pentecostais dos essênios e dos primeiros cristãos, segundo as quais um ciclo de 700 anos apresenta sete hierofantes e sete hierofantas, com uma especial ênfase no trabalho feminino hierofântico, que o mundo conheceu tardiamente e em registros muito confusos com o nome de *vestais* ou as *valquírias psicopômicas*, ou ainda as *pitonisas* de Delfos.

Daí termos como idéia básica de contagem de tempo litúrgico pentecostal, sob a qual nossas festas abráxicas são calculadas e estabelecidas, os números 50, 14 e 700, fundamentalmente incorporados no cálculo $14 \times 50 = 700$.

Desse modo o nosso ano litúrgico se assemelha ao dos essênios, com 52 sábados, doze meses, 364 dias, onde uma festa última, a Hepacta, propositalmente não deixa perceber se são

quatro ou cinco os dias que separam o 25 de Dezembro, dia do Sol Invictus, do primeiro dia de Janeiro ou das Januárias, festas do Salvador e sua Mãe, ou do Salvador e sua Valquíria psicopômica Maria Madalena.

Nosso trabalho arquimágico¹⁷, que nos liga com a gloriosa e sempre atuante Escola e Hierarquia de Magos do Oriente, sediada em algum lugar próximo a Alamut, concentrou-se desde 2001, em sete pontos alquímico-mágicos ainda desconhecidos dos nossos alunos: 1 – estabelecer um DNA onde o elemento judaico Yerridáh nos fizesse filhos sangüíneos legítimos da Tradição Semita segundo a anunciação apocalíptica para Aquário: “*Eis que farei aos da sinagoga de Satanás, aos que se dizem judeus, e que não o são, mas mentem, eis que farei que venham, e adorem prostrados aos teus pés, e saibam que eu te amo.*” (Sobre esse item 1 os jessênios, cabalistas que são, trabalharam com o Apocalipse de João, capítulo 3, versos 7 a 14, forjando as CHAVES DE DAVI¹⁸ no sangue de sua Cruz de Luz, e depois, no das Pérolas da Cruz de Luz, para em seguida trabalhar no sangue de todos os seus alunos. O estabelecimento dessa tarefa hierofântica no Ocidente passa pelo Apocalipse Rosacruz denominado *Dei Gloria Intacta*, a parte referente a Aquário ou Segundo Círculo Sétuplo de Urano). 2 – Forjar através desta CHAVE DE DAVI UM ELO LEGÍTIMO COM O CATARISMO E COM A ROSACRUZ. 3 – Trabalhar nesse sangue Yerridáh judaico a futura psicopompia ocidental do tipo cajado, ou seja, aquela que é representada por um aluno gnóstico-judaico muito antigo, com elevada carga hereditária cátera nos trinta e seis pontos da lipika, com uma história judaica, cátera e rosa-cruz semelhantes à do Irmão L.C.N., nosso psicopompo cajado do Oriente. 4 – Formar com esse mesmo aluno, na base férrea de seu sangue judaico, um ponto vital da CRUZ DE LUZ segundo o modelo bogomilo dessa figura cósmico-plerômica da descida da Luz às Trevas para resgate do gênero humano decaído. 5 – Encontrar nessa consangüínea filiação semítica a força acústica mantrosófica e a razão de se chamar o grupo em formação de grupo neo-essênio messiânico ou jessênio. 6 - Esse aluno teria, então, uma intensa atividade mantrosófica com o seu elemento Yerridáh tipicamente matriciado pelas grandes atividades cáteras e cabalísticas do século XII d.C. no sul da França, na Catalunha e em Provença e Portugal, de tal maneira que a sua Cruz Sanguínea Maior, ou Cruz de Luz, ofertasse para o Ocidente Trinta e Seis Cruzes Menores, relativas ao trabalho mágico de Melhoramentum dos Cátaros, que, levadas para a Gueenah, cumpririam plena e eficientemente sua propriedade acústica básica: *conduzir o morto a um bom fim.* 7 – Desse modo esse aluno judeu daria aos quatro membros da Cruz de Luz ocidental a consangüinidade hierofântica do nosso Mebaker, Jodachay Bilbakh, desta vez para o Pentágono das Cinco Tradições, hierofaneidade que se concentraria no sangue do Ibny Joshai e da Bat Yonáh.

A partir de 08-08-2008, até 08-09-2008, e até 08-10-2008, com grande ênfase nos dias 21 a 26 de setembro, mais precisamente no dia 26 desse mês, a carga dessa sétupla intensa atividade arquimágica desse irmão judeu passa a ser dividida com toda a Cruz de Luz e as Pérolas da Cruz de Luz, em especial com a Bat Yonáh Yerridáh, cujo nome aponta a

¹⁷ Os jessênios têm o Grau dos Arquimagos, ou Vigésimo Oitavo Grau, cujos trabalhos espirituais liga o aluno ao grupo dos Magos do Oriente ou Reis-Magos, dando-lhes alto conhecimento sobre todos os processos cósmicos, geológicos, astrosóficos, mantrosóficos e ritmosóficos que a Hierarquia Angélica e as Stoikeias ou Hierofanias sizigiadas por Anjos batismais do Mar Morto

¹⁸ Fala-se muito atualmente das CHAVES DE ENOCH, que seriam as CHAVES DA CABALÁH, mas na realidade o Apocalipse de João, para apontar o DNA JUDAICO DO MESSIAS, e a sua nobre descendência, FALA DAS CHAVES DE DAVI, ou seja, uma força sétupla que foi preparada desde o século II d.C., por ocasião do aparecimento do Sepher Yetsiráh, em conjunto com grupos judeus, cristãos elkessaítas e essênios, que se manifestariam em plenitude no Oriente por volta de 2001 da Era de Aquário, e passariam para o Ocidente a partir do mês de Abril de 2002, data que coincide com a criação da Cruz de Luz do Ocidente, que representa a partir de então, a chave na boca do Leão da Tribo de Judá, ou o Verbo da Gnosis em Aquário.

passagem dessa luminosa chama semítico-sanguinea do elemento Yerridáh para uma pessoa ocidental.

13 – A CONSTRUÇÃO DE UMA EKKLESIA GNÓSTICA COMO ECO AO ANELO LEGÍTIMO DO ANTHROPOS, EKKLESIA ESTA QUE RESPONDE AO MANTRA DE MANI: “A EKKLESIA É UM, É DOIS E É TRES”.

Já dissemos aqui, em vários outros momentos e lugares de nosso ensino oral e escrito, que SOMOS JESSENIOS, ou somos ESSÊNIOS DO GRUPO DE JESUS, o que precisa ser entendido imediatamente pelo pesquisador e por nossos neófitos, mas, em certa medida mais profunda, pelos nossos alunos mais antigos, estes porque estão mais perto do lado valentiniano e maniqueu de nossa Escola, e porque de dentre eles é que sairão os nossos companheiros e irmãos Expositores da Doutrina Jessênia.

O que dá a um grupo a característica de grupo gnóstico não é exatamente o ato de comentar o Evangelho da Pistis Sophia, ou o Evangelho de Filipe, o Hino da Pérola, ou apontar para desenhos e pantáculos gnósticos antigos como os Abraxas, as gemas ofitas batismais, ou ainda citar esta ou aquela literatura de Nag Hammadi, este ou aquele autor gnóstico, etc.. O que realmente identifica um grupo como gnóstico é a sua prática iniciática.

Nesse sentido, para apontarmos nossa descendência iniciática essênia, ou nossa descendência yossenia (mandeana¹⁹), precisamos ser um grupo batismal em essência, o que também nos identifica com a Gnosis valentiniana.

Porém, da iniciação essênia guardamos outra identificação menos ressaltada até agora em nossos escritos: a Unção de Câmara Nupcial ou Bodas Alquímicas (União da Ekklesia humana com a Ekklesia Angélica).

No maniqueísmo essa união é celebrada na Festa da Bema onde hinos de exaltação da união fraterna dos homens com os Anjos terminam quase que sempre com a frase: “glória a Jesus, a Mani-Paraclete e à alma de Maria Santa”, onde Maria é o nome da união entre a Ekklesia dos homens e a Ekklesia dos Anjos.

Mani disse em seus escritos: “A Igreja (Ekklesia) é um, é dois e é três.” Essa divisão da Igreja dos maniqueus tem reflexos em diversas outras Ordens e Escolas Esotéricas, aparecendo, por exemplo, na Maçonaria, como as três grandes divisões dos iniciados: aprendiz, companheiro e mestre.

Mas esse ensinamento é muito mais profundo do que possamos averiguar por meio de uma primeira olhada. Na verdade ele está diretamente relacionado com os essênios, grupo iniciático que alcançou um método de iniciação que só foi possível depois que hierarquias angélicas trabalharam durante 65.000 anos as águas planetárias, levando algumas fontes, lagos ou mares a uma mui intensa salinização, formando um lago de grandiosa importância no Oriente: o Mar Morto ou Miryam.

¹⁹ Os Mandeanos ou Yossênios são os seguidores de João Batista, também conhecidos como Cristãos de São João, que existem até hoje em comunidades no Iraque, perto do Rio Eufrates, e em outras localidades do Oriente e também nos Estados Unidos, que praticam rituais batismais sagrados, e um ritual especial dedicado aos mortos, denominado Masiqtha, que se configura como uma Psicopompia. João Batista, por sua vez, era discípulo dos essênios, de tal modo que os Yossênios são os essênios do grupo de João Batista.

O nome do Mar Morto, **Miryam**, se traduzido, fica como Mar Maria²⁰, o que significa que suas águas salgadas serviram de Portal entre os Anjos e os Iniciados de Qumran. Igual trabalho foi exercido também no Mar que hoje ficou reduzido a Vale de Sal na Bolívia, o Vale do Uyuni, que deu grandioso Portal Angélico para o trabalho iniciático de Manco Capac.

Os Elkessaitas e os Mandeanos acreditam que foi por meio desse Mir-Yam ou Portal dos Anjos que desceu ao planeta perto de 2000 anos atrás o Salvador, e este veio para que fossem revelados os grandiosos segredos dos ritos iniciáticos gnósticos fundamentais: o Batismo, a Refeição Sagrada e a Tríplice Unção.

Na verdade os essênios, os yossênios e os gnósticos jessênios atuais ensinam que o período da sublimação sexual iniciática, correspondente ao Velho Testamento Bíblico²¹, é um tempo passado, e que após o trabalho do Salvador a iniciação gnóstica seria por meio unicamente de Ritos Batismais, Prandiais e de Unção.

Essa é a essência do ensinamento do Evangelho da Pistis Sophia. Nos últimos capítulos desse grandioso evangelho gnóstico o Batismo é apontado como rito iniciático básico que vai separar a partir do sangue e do coração, bem como na mente, trevas e luz, combatendo o espírito falso da carne (o corpo astral).

Qualquer outra “gnosis” que insista em ritos sexuais, em ritos de incenso e invocações de seres do cósmico, ainda que cite vastamente a literatura gnóstica de Nag Hammadi, ou mesmo o Evangelho da Pistis Sophia, deve ser achada entre os que praticam a iniciação ocultista yôguica ou a teúrgica, iniciações eficazes para os que desejam evolução, mas bem diferente da Iniciação Gnóstica, que visa a completa libertação do homem quedado.

O que vale nessa iniciação gnóstica é o que o Evangelho da Pistis Sophia cita do Salmo 91: 11 e 12 – e aqui completamos o que se encontra dito nos itens 9 e 10 desse livreto: “Porque aos seus Anjos dará ordem para que cuidem dos iniciados, para guardá-los em todos os seus caminhos. Esses Anjos os pegarão pelas mãos, para que aqueles (iniciados) não tropecem com seus pés em pedra.”

Trata-se, portanto, da formação de uma Igreja ou Ekklesia humana que se juntará a uma Igreja Angélica pelo Portal de Maria, segundo o efeito alquímico do ritual da **Câmara Nupcial, onde esse rito de Mistérios não tem nenhum fundo de interpretação sexual humana natural, gonádica, típica de iniciação tântrico-sexual, ou típico do rito de Maytuna**, mas é puro efeito de preparo do coração e da cabeça para a formação de uma nova mente e veste astral.

Uma Comunidade Gnóstica vive no aroma etérico das águas batismais, na corrente de águas vivas, que lhe toca a pele, a aura, e desta, por meio da salinidade sanguínea, que deverá ficar no estado de Maria ou Miryam, os centros da cabeça, fazendo surgir Jesus-Hipófise no centro dos Doze duplos apóstolos, ou no centro dos Doze Pares de Nervos Cranianos. Esse Jesus-Hipófise vai buscar no Pleroma as três vestes do novo iniciado, e nessa busca abrem-se os céus, os portais celestes, para que uma Ekklesia terrestre se junte a uma ekklesia de Anjos.

²⁰ Maria, a mãe de Jesus, é cantada em alguns hinos cristãos antigos, como **Portal dos Anjos**, Mel de Sansão e Glória Celeste.

²¹ Estamos aqui falando do rito da Circuncisão judaico, e todo o aparato religioso, templário e sinagoga ao redor dele, incluindo aí a própria Cabaláh Judaica pura. Igualmente temos aqui em visão todos os cultos sexuais antigos, dentre eles o da Tantra Yoga.

Mas ninguém consegue chegar a esse estado alquímico iniciático se no seu coração e sangue não surge João Batista para desembaraçar os sete metais ímpios, separando uma salinidade especial no sangue que os gnósticos jessênios denominam de Salphia, a Sophia do Sal Sangüíneo.

Em razão disto o Evangelho Gnóstico de Filipe diz: *“Os apóstolos disseram aos discípulos: ‘Que toda nossa oferenda adquira sal’. Eles chamavam (Sophia) de ‘sal’. Sem sal nenhuma oferenda (é) aceitável. Mas Sophia é estéril, (sem) filhos. Por esta razão é chamada de ‘um traço de sal’. Sempre que eles quiserem (ter mais sal nas oferendas...), sal no seu jeito próprio, o Espírito Santo (Ihes concederá e ...) seus filhos serão muitos.”*

Nesse momento importante da nossa Comunidade temos dito aos grupos da nossa segunda Ekklesia, aos grupos de Mynian²², que esse estado salino que pode preparar a nossa oferta para ela gerar muitos filhos é FUNDAMENTAL, pois com ele é que vamos transformar nossas Salas de Exposição da Doutrina Jessênia em lugar de uma verdadeira oferta salgada capaz de transformar pesquisadores em companheiros, e companheiros em irmãos.

Aqui é preciso dizer que não abandonamos de forma alguma o nosso propósito aquariano de ser um grupo sem templo, e que, portanto, nossas Salas de Exposição não se tornarão foco ou lugar sagrado, mas, numa outra direção bem diferente, aqueles lugares serão transformados em campo de atuação da segunda Ekklesia a quem se destina a transformação da solidão cardíaca, a unidade da mônada, que denominamos Anthropos, em Ekklesia, fazendo aparecer o par plerômico Anthropos-Ekklesia.

É preciso dizer aqui, e de uma forma que o pesquisador entenda, que o Pré-Mynian é uma tentativa de se sair do caminho solitário e, sob o efeito dos vapores etéricos batismais, formar uma primeira Ekklesia como eco do poder lustracional alquímico que toca a Hipófise para fazê-la nosso Jesus interno, e que toca nossos doze pares de nervos cranianos para fazer deles apóstolos que gerarão mais filhos.

Nesse sentido um discípulo qualquer pode ser Anthropos, ou seja, um homem que avança solitário pela Senda Iniciática Gnóstica, mas, se o Batismo nele atua em meia potencialidade, ele desejará levar o seu caminho cardíaco solitário, caminho joanino, à cabeça, para gerar Jesus e os doze apóstolos, e, então, o eco disso é o aparecimento do discípulo Anthropos-Ekklesia, ou do homem que quer formar junto com outros uma Ekklesia humana, um Pré-Mynian.

No primeiro caso Sophia nele gerou apenas um filho: o seu próprio estado discipular solitário. No segundo caso Sophia se afastou ainda mais do estado de ‘traço de sal’, ou de ‘Estéril’ e avançou para o estado em que vai formar o Pré-Mynian, a primeira Ekklesia. Sophia nesse aluno pode, então, fazer uma oferta de sal, um grandioso serviço comunitário, fraternal.

Mas se essa meia potencialidade batismal continua crescendo, ele quererá aumentar ainda mais a salinidade da sua oferta, e desejará uma ainda mais sutil e mais elevada formação ekklesiástica, e irá apresentar a oferta da geração de muitos filhos, juntando-se, para tal, com o Paracleto, dando origem ao grupo do Mynian ou da segunda Ekklesia.

²² A Ekklesia Jessênia atende ao mantra de Mani sobre as três ekklesias formando um primeiro grupo ou ekklesia chamado Pre-Mynian, um segundo chamado Mynian, e um terceiro chamado Távola.

Num estágio ainda mais elevado, esse aluno desejará uma terceira forma de Ekklesia, muito especial, de elevado culto gnóstico iniciático, ou seja, desejará gerar a Távola.

É em razão disto que podemos encontrar Jesus apresentando sua Ekklesia ao Pai, no capítulo 17 de João Evangelista; e que Jesus estava, naquele momento, no Jardim do Guetsemani, e ali **chorava e suava sangue** (Lucas 22, versos 43 e 44) **enquanto um Anjo o confortava**.

O caminho solitário é louvável, mas denota falta de paciência salina para com o espírito do Batismo, e esse espírito é o de formação de muitos filhos, formação de uma Ekklesia humana e participação intensa, grandiosa e profunda no glorioso casamento ou núpcias entre essa Ekklesia que se encontra no suor de sangue de modo mais intenso para se juntar com a Ekklesia angélica.

Caro neófito jessênico, caro pesquisador, esta Ekklesia feita acima do traço de Sal de Sophia, e que se firma na Senda Gnóstica, encontra-se ao seu dispor para que nela seu mais alto anelo de busca da Verdade possa tornar-se discipulado verdadeiramente libertador e iluminador.

